



FAMILIARE INSTITUTO SISTÊMICO

**A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DO GENOGRAMA NA
FORMAÇÃO DO TERAPEUTA FAMILIAR**

Luana de Araújo Lima Vizentin

Florianópolis/SC

Setembro, 2010



FAMILIARE INSTITUTO SISTÊMICO

**A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DO GENOGRAMA NA
FORMAÇÃO DO TERAPEUTA FAMILIAR**

Trabalho apresentado ao
Familiare Instituto Sistêmico como
requisito parcial para a obtenção
do grau de Especialista em
Terapia Relacional Sistêmica.

Luana de Araújo Lima Vizentin

Professora Orientadora:

Prof^a Dr^a Maria Aparecida Crepaldi

Florianópolis/SC

Setembro, 2010

SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	5
1 INTRODUÇÃO	6
2 OBJETIVOS	8
2.1. OBJETIVO GERAL.....	8
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3.1 O PENSAMENTO SISTÊMICO, A ABORDAGEM RELACIONAL SISTÊMICA E A TERAPIA FAMILIAR	9
3.2 DEFINIÇÃO E ESTUDO DO GENOGRAMA.....	13
3.3 O ESTUDO DO GENOGRAMA NA FORMAÇÃO DO TERAPEUTA DE FAMÍLIAS.....	15
3.4 A TÉCNICA DO GENOGRAMA NA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	19
4 MÉTODO	25
4.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	25
4.2. PARTICIPANTES.....	25
4.3. PROCEDIMENTOS	26
4.3.1. Instrumentos:	26
4.3.2. Coleta de dados:	26
4.3.3. Análise de dados:	27
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS.....	28
5.2 RESULTADOS QUALITATIVOS	39
5.2.1 Repercussões do estudo do genograma no âmbito pessoal do	40
5.2.1.1 Conhecer e compreender a própria história familiar.....	40
5.2.1.2 Efeitos terapêuticos sobre o terapeuta em formação	42
5.2.2 Repercussões do estudo do genograma no âmbito profissional do terapeuta de famílias	44
5.2.2.1 Aprendizagem do genograma como instrumento	44
5.2.2.2 Cuidado ético no manejo, sigilo e armazenamento do genograma ...	46

5.2.2.3	Abrangência na utilização do instrumento.....	47
5.2.2.4	Facilidades e dificuldades advindas com o uso da técnica.....	48
5.2.3	Implicações do uso da técnica na formação do terapeuta	51
5.2.3.1	Repercussões do uso da técnica na formação.....	51
5.2.3.2	Insatisfações no modo como a técnica foi empregada durante o curso de formação	53
6	CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	APÊNDICES	63
	APÊNDICE A	64
	APÊNDICE B	65
	APÊNDICE C.....	66

RESUMO

VIZENTIN, L. de A. L. **A importância do estudo do genograma na formação do Terapeuta Familiar.** 2010. 70 f. Monografia (Especialização em Terapia Relacional Sistêmica) – *Familiare* Instituto Sistêmico, Florianópolis/SC, 2010.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Aparecida Crepaldi

Esta pesquisa buscou investigar a importância e as repercussões do estudo do genograma dos terapeutas de famílias durante o Curso de Formação em Terapia Relacional Sistêmica. Tratou-se de uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo, do tipo quanti-qualitativa, desenvolvida na área da Psicologia da Família. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário aplicado a catorze (14) psicólogos em curso ou especialistas em terapia familiar que iniciaram a Formação em Terapia Relacional Sistêmica em uma Instituição de Formação de Terapeutas de Família do Sul do Brasil, no período de 2001 a 2009. A análise de dados foi obtida através da técnica de análise descritiva e numérica inferencial dos dados quantitativos e análise temática de conteúdo dos dados qualitativos, uma vez que o instrumento de coleta da pesquisa foi composto por questões abertas e fechadas. Assim, constatou-se como o profissional psicólogo especialista em terapia de famílias utiliza o genograma como instrumento de sua prática profissional.

Palavras-chave: Genograma, Família, Avaliação da Família, Terapia Familiar, Terapia Relacional Sistêmica.

ABSTRACT

VIZENTIN, L. de A. L. **The importance of studying the formation of the genogram Family Therapist.** 2010. 70 f. Monograph (Specialization in Relational Systemic Therapy) – *Familiare* Instituto Sistêmico, Florianópolis/SC, 2010.

Person who orientates: Dr^a Maria Aparecida Crepaldi

This research investigates the importance and implications of the study of the genogram of family therapists during the Training Course on Systemic Therapy Relational. This was an exploratory research, descriptive, quantitative and qualitative, developed in the area of Family Psychology. Data collection was conducted through a questionnaire administered to fourteen (14) ongoing psychologists or specialists in family therapy who started training in Systemic Therapy Relational an Institution for Training of Family Therapists in Southern Brazil, from 2001 to 2009. The analysis of data was obtained through the technique of descriptive analysis and inferential numerical quantitative data and thematic analysis of qualitative data, since the instrument collection of the survey was composed of open and closed questions. Thus, there was the professional psychologist as an expert in working with families using the genogram as a tool for professional practice.

Keywords: Genogram, Family, Family Assessment, Family Therapy, Relational Systemic Therapy.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de Especialista em Terapia Relacional Sistêmica consistiu em uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo, do tipo quanti-qualitativo, desenvolvida na área da Psicologia da Família e teve como foco investigar a importância do estudo do genograma durante o Curso de Formação em Terapia Relacional Sistêmica e as repercussões do uso da técnica no âmbito pessoal e profissional dos terapeutas de famílias.

O estudo do genograma da autora durante o curso de formação realizado no *Familiare* Instituto Sistêmico¹ despertou o interesse nessa temática, na tentativa de conhecer em profundidade as possíveis contribuições do instrumento na esfera pessoal e na prática profissional do psicólogo terapeuta de famílias.

Apenas um número relativamente pequeno de estudos (BERNAL & ALVAREZ-SCHWARZ, 1990; CANEVARO, 2009; CEBERIO, 2004; MARCHETTI-MERCER & CLEAVER, 2000; MCGOLDRICK & GERSON, 1985; SOSIC, PAVEZ & RÍO ALBORNOZ, 2003) abordam sobre o uso do genograma na formação do terapeuta de famílias, porém, os efeitos do estudo do genograma do terapeuta de família em formação, sobre as questões pessoais e profissionais permanecem em aberto na literatura brasileira. Tal carência fortaleceu ainda mais a busca deste conhecimento em pesquisa. Vale salientar que contribuições sobre os benefícios educativos e terapêuticos do estudo do genograma dos alunos em formação nos Cursos de Terapia Familiar é deveras significativo para que tal técnica seja considerada como estudo imprescindível na formação.

De La Revilla (2006) alega que a necessidade crescente em estabelecer novos modelos de registro na atenção primária propiciou o uso do genograma como técnica diagnóstica que se constitui em um excelente sistema de registro, capaz de sintetizar informações sobre a família, seu nível sócio-cultural, a situação laboral e os fatores ambientais. Ceberio (2004) define o genograma como o desenho de uma árvore ramificada que permite conhecer, em forma

¹ <http://www.institutofamiliare.com.br/>

gráfica, a constelação familiar multigeracional e possibilita a observação sintética da composição das diferentes famílias de um indivíduo.

Carter & McGoldrick (1995) destacam que o genograma consiste em um recurso de intervenção diagnóstica e terapêutica, assegurando uma fonte rica de hipóteses para a compreensão da dinâmica familiar ao permitir a visualização sobre como um problema pode estar relacionado ao contexto familiar, através da identificação dos padrões relacionais e avaliação da evolução do contexto e de suas problemáticas através das gerações.

Ancorado na compreensão do Pensamento Sistêmico, na Abordagem Relacional Sistêmica e na Terapia Familiar, buscou-se responder à seguinte pergunta de pesquisa:

Qual a importância do estudo do genograma dos terapeutas de famílias durante o Curso de Formação em Terapia Relacional Sistêmica e as repercussões do uso da técnica na esfera pessoal e na prática profissional?

Esse trabalho se justifica pela contribuição à comunidade científica com o estudo e promoção de um conhecimento sobre uma temática ainda pouco explorada em artigos e publicações na bibliografia brasileira. A relevância científica está na importância de contribuir para o saber do terapeuta sobre as repercussões do estudo da estrutura e dinâmica de sua família; identificar e comprovar os efeitos do estudo do genograma dos terapeutas de família em formação nos domínios pessoal e profissional; e reconhecer meios de utilização da técnica na prática profissional.

Por sua vez, a relevância social desta pesquisa reside na possibilidade de auxiliar os profissionais de saúde, sobretudo os psicólogos terapeutas familiares, na compreensão da importância do estudo do genograma. Primeiro na sua formação, enquanto especialistas, para a compreensão de suas famílias ao longo do ciclo vital, dos efeitos do seu autoconhecimento para a prática profissional, e das contribuições do uso do instrumento na atuação laboral.

Como resultado desta pesquisa, pretendeu-se conhecer como os psicólogo especialista em terapia de famílias utilizam o genograma como instrumento na sua prática profissional.

2 OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Investigar a importância e as repercussões do estudo do genograma dos terapeutas de famílias durante o Curso de Formação em Terapia Relacional Sistêmica.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar a importância do estudo do genograma na formação do terapeuta familiar e suas repercussões no âmbito pessoal e na prática profissional;
- Investigar se o psicólogo especialista em terapia de famílias utiliza e como utiliza o genograma na prática profissional;
- Identificar a abrangência de utilização do instrumento pelo terapeuta de famílias;
- Distinguir a população com a qual os terapeutas de família desempenham o estudo do genograma; e
- Verificar as situações que facilitam e dificultam o uso do genograma na prática profissional.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O PENSAMENTO SISTÊMICO, A ABORDAGEM RELACIONAL SISTÊMICA E A TERAPIA FAMILIAR

Assinalado como “o paradigma da ciência contemporânea ou como a epistemologia da ciência novo-paradigmática” por Vasconcellos (2002:28) o Pensamento Sistêmico derivou da integração dos conceitos da Teoria Geral dos Sistemas, da Cibernética e da Teoria da Comunicação.

A Abordagem Relacional Sistêmica, proveniente do Pensamento Sistêmico, compreende que nenhum evento ou comportamento está inteiramente isolado e é motivo causador de outros eventos ou comportamentos; afirma que qualquer evento ou comportamento está ligado de maneira circular a muitos outros eventos e a partes de comportamentos (PAPP, 1992).

A existência de interação ou de relações entre os componentes demarca um aspecto central que identifica a “existência do sistema com entidade, distinguindo-o de um simples aglomerado de partes independentes umas das outras”. É a interação que torna os elementos mutuamente interdependentes, ocasião em que cada uma das partes estará de tal forma relacionada com as demais e a mudança em uma das partes acarretará na mudança das outras (VASCONCELLOS, 2002:199).

Assim, para Vasconcellos (2002), um sistema² consiste em um todo integrado cujas propriedades não podem ser reduzidas às propriedades das partes, uma vez que o todo não é igual à soma das partes. Para se compreender o comportamento das partes, torna-se indispensável levar em conta as relações. As relações são os elementos que dão coesão ao sistema, conferindo-lhe um caráter de totalidade ou globalidade, uma das características definidoras do sistema.

² Bertalanffy (1973) define a noção de sistema como um complexo de elementos em interação ou como um conjunto de componentes em estado de interação e utiliza como sinônimo os termos sistema, totalidade e organização.

O conceito de sistema é utilizado na Terapia Familiar para fazer referência a um grupo de pessoas que interatuam como um todo funcional. Nem as pessoas nem os problemas existem num vazio, ambos estão intimamente ligados aos seus sistemas recíprocos mais amplos dos quais o principal é a família (MCGOLDRICK & GERSON, 1985).

Baseada na Abordagem Relacional Sistêmica, a Terapia Familiar aborda o indivíduo em seu contexto social e percebe o homem como um membro ativo e reativo em grupos sociais e que suas experiências são determinadas e construídas nas interações com as pessoas e o ambiente em que vive. É nesse sentido que a terapia está orientada para a mudança da organização familiar (MINUCHIN, 1982).

Minuchin (1982:18-19) conceitua a Terapia Familiar e destaca três axiomas fundamentais: 1) “a vida psíquica de um indivíduo não é inteiramente um processo interno”, situação em que o indivíduo influencia seu contexto e é por ele influenciado em ações recorrentes; 2) “as mudanças numa estrutura familiar contribuem para mudanças no comportamento e nos processos psíquicos internos dos membros desse sistema”; e 3) “quando um terapeuta trabalha com um paciente ou com uma família de um paciente, seu comportamento se torna parte do contexto”. Nesse sentido, o terapeuta se une ao sistema familiar, passando a fazer parte desse contexto e utiliza-se para transformar o sistema, modificando as experiências subjetivas dos membros participantes (o comportamento do terapeuta familiar é significativo e capaz de produzir mudanças na família).

A família é um sistema entre sistemas (sub-sistema), fazendo-se necessária a exploração das relações interpessoais e das normas que regulam a vida dos grupos a que o indivíduo pertence, para que se possa compreender o comportamento dos membros e formular intervenções eficazes (ANDOLFI, 1996).

Para Carter & McGoldrick (1995), a família compreende todo sistema emocional, de pelo menos três gerações. As famílias nucleares são subsistemas emocionais que reagem constantemente aos relacionamentos passados, presentes e antecipam os relacionamentos futuros, dentro do sistema familiar mais amplo.

Por ser um sistema primário, a família é composta por uma rede de familiares que se compõem em gerações. Os funcionamentos físico, social e emocional dos membros de uma família são independentes, mas repercutem um nos outros, sendo as relações e interações familiares recíprocas (MCGOLDRICK & GERSON, 1985).

Minuchin (1982) define a família como uma unidade social, um sistema aberto em constante transformação que enfrenta uma série de tarefas e estágios de desenvolvimento. A família tem como função a proteção psicossocial (apoio) e socialização (acomodação e transmissão da cultura) de seus membros em resposta às necessidades da sociedade.

Ao desempenhar suas funções, os membros da família constituem subsistemas que podem ser formados por diferentes gerações, níveis de poder, interesse ou função. O sistema familiar é regido por códigos, valores, hierarquias, histórias e mitos e há fronteiras que protegem a diferenciação, delimitam o espaço interno da família e permitem seu relacionamento com o meio exterior (MINUCHIN, 1982).

Andolfi (1996) ressalta três aspectos significantes da Teoria Sistêmica aplicados à família, entendida como: 1) um sistema em constante transformação, 2) que é ativo e auto-regulado e, por fim, 3) como um sistema aberto e em interação com outros sistemas. Como qualquer organismo vivo, a família também possui um sistema ativo auto-regulado, regidos por regras desenvolvidas e modificadas durante o ciclo vital, através de tentativas e erros. Toda tensão originada no sistema familiar causa alguma repercussão no âmbito familiar e requer algum tipo de adaptação por parte dos membros que a constituem.

A tendência à homeostase e a capacidade de transformação do sistema familiar constituem o equilíbrio dinâmico de duas funções aparentemente contraditórias: a continuidade e crescimento psicossocial dos membros que a constituem. A família como sistema em constante transformação, adapta-se às diferentes exigências das diversas fases do seu ciclo de desenvolvimento vital no intuito de assegurar a continuidade e crescimento psicossocial de cada componente (ANDOLFI, 1996).

O autor refere que, ao mesmo passo que a família condiciona seus membros e a sociedade como um todo, ela é condicionada pelas normas e

valores sociais, através de um equilíbrio dinâmico. Ao perceber a família como um sistema aberto em interação com outros sistemas, é possível explorar as relações interpessoais e as normas que regulam a vida dos grupos como elementos indispensáveis para a compreensão dos comportamentos dos seus membros.

Embora a necessidade de diferenciação dos membros (auto-expressão de cada indivíduo) se funda à necessidade de coesão da família (manutenção da unidade familiar), uma das funções da família é permitir, gradativamente, a passagem do estado de indiferenciação e fusão de um com os outros membros da família para um estado de individualização e separação, observando-se o desenvolvimento psicológico dos indivíduos no seio familiar (ANDOLFI, ANGELO, MENGUI & NICOLO-CORIGLIANO, 1989).

Bowen (1979) estabelece que o objetivo mais importante da terapia familiar consiste em auxiliar os membros da família a melhorar o nível de *diferenciação de si mesmo*³ em relação à sua família de origem. As mudanças nas funções de um membro do sistema acarretam em mudanças simultâneas nas funções complementares dos outros membros, caracterizando tanto o processo de crescimento individual de cada membro quanto o processo de reorganização contínua do ciclo de vida familiar (ANDOLFI, ANGELO, MENGUI & NICOLO-CORIGLIANO, 1989).

O ciclo de vida familiar pode ser compreendido a partir de fases representativas aos eventos nodais (crises normativas), tais como: o casamento, o nascimento e a educação dos filhos, a saída dos filhos do lar, a aposentadoria e a morte. Os acontecimentos nodais são eventos capazes de criar instabilidade no funcionamento do sistema familiar, afetando o seu equilíbrio. Esses momentos de transição entre os ciclos são comumente associados ao aumento no estresse, uma vez que há necessidade de redefinição de papéis e das leis que governam o funcionamento familiar (CARTER & MCGOLDRICK, 1995).

³ O conceito de *diferenciação de si mesmo* se relaciona com o grau em que uma pessoa consegue se diferenciar emocionalmente de seus pais. Isso dependerá muito mais dos fatores inerentes aos pais e de suas capacidades para permitirem aos filhos crescerem e se separarem emocionalmente deles do que propriamente dos fatores inerentes aos filhos. A diferenciação compreende ainda a capacidade de um indivíduo alcançar a objetividade emocional em um campo emocional carregado de ansiedade, mesmo que se mantenha ativamente vinculado com as pessoas mais implicadas nessa situação (BOWEN, 1979).

3.2 DEFINIÇÃO E ESTUDO DO GENOGRAMA

Como pioneiro da investigação multigeracional, Bowen apresentou uma comunicação oral sobre a investigação que realizou de sua própria família de origem em um encontro nos Estados Unidos em 1967 (National Family Conference), publicada como um trabalho anônimo (CANEVARO, 2009).

A partir disso, Bowen propôs a utilização de um *Diagrama Familiar* para auxiliar na coleta e organização dos dados que se julgavam importantes sobre o sistema familiar multigeracional. Em 1972, Guerin renomeia a técnica proposta inicialmente por Bowen de *Genograma Familiar* (NICHOLS & SCHWARTZ, 1998).

Inicialmente, os terapeutas familiares começaram a dar prioridade ao estudo da dinâmica familiar de seus pacientes no intuito de gerar hipóteses múltiplas dos problemas psiquiátricos e começaram a utilizar o genograma como instrumento de registro e elemento essencial no diagnóstico das disfunções familiares (DE LA REVILLA, 2006).

Apesar do uso generalizado e difundido do genograma por parte dos profissionais da saúde desde então, destacando-se os terapeutas, enfermeiros e médicos da família, ainda não existe um consenso geral sobre quais informações específicas e imprescindíveis devem ser coletadas, como devem ser registradas, nem mesmo de que modo todas essas informações devem ser interpretadas (MCGOLDRICK & GERSON, 1985).

Conforme De La Revilla (2006), desde 1989 a construção do genograma tem seguido as diretrizes propostas por McGoldrick & Gerson (1985), embora se tenha realizado incorporações de novos símbolos e compreensões que se consideram imprescindíveis ao trabalho com famílias na atualidade.

Carter & McGoldrick (1995) definem o genograma (genetograma) como uma representação gráfica familiar em formato de árvore, em que se obtém o registro de informações sobre os membros de uma família e de suas relações, possibilitando acesso às informações familiares com uma rica fonte de detalhes. A técnica proporciona o retrato gráfico da história e do padrão familiar e combina informações das famílias em gerações sobre sua história, padrão, estrutura básica, demografia, funcionamento e relacionamento entre os seus membros. É

necessário, portanto, o conhecimento de, pelo menos, três gerações a respeito de seus mitos, crenças, regras, funcionamento e questões emocionais também das gerações anteriores.

Através da delimitação da estrutura básica, da demografia, do funcionamento e dos relacionamentos da família, o genograma permite uma visão favorecida do quadro trigeracional de uma família e de seus movimentos através do ciclo de vida familiar, bem como a observação dos padrões de funcionamento e de problemas previsíveis na família em estudo (CARTER & MCGOLDRICK, 1995).

Para McGoldrick & Gerson (1985), o desenho gráfico da família permite explorar a estrutura familiar⁴ de forma clara e resulta em um eficiente resumo clínico da família que permite ao terapeuta adquirir, de forma rápida, uma grande quantidade de informações e ter uma visão dos problemas crônicos e em potencial.

O genograma demonstra a maneira como os indivíduos estão conectados às suas famílias de origem, evidencia as regras familiares e os papéis desempenhados por cada membro no seio familiar. Ele organiza o pensamento do terapeuta e da família, facilita ao terapeuta conhecer os membros da família e os caminhos para efetivos sucessos no tratamento. Através da visualização dos diagramas familiares, o genograma explicita as relações e modos de funcionamentos familiares relacionados aos estilos de funcionamento promotores de saúde e de doença na família (CARTER & MCGOLDRICK, 1995).

Não só o terapeuta, mas a família também pode ser auxiliada quando estuda seu genograma, uma vez que poderá ver a si mesma de uma forma distinta. Para tanto, o estudo do genograma deve ser feito desde o ponto de vista histórico e cronológico, permitindo visualizar as evoluções da família em estudo durante do ciclo de desenvolvimento de vida da família. O genograma pode destacar as pautas familiares atuais e históricas para ilustrar as estruturas familiares funcionais e disfuncionais (MCGOLDRICK & GERSON, 1985).

⁴ “O termo ‘estrutura familiar’ é uma expressão utilizada por Minuchin para designar as estruturas transacionais e os papéis familiares, implícitos e explícitos, que regem a família através dos anos” (MIERMONT, 1994:248).

3.3 O ESTUDO DO GENOGRAMA NA FORMAÇÃO DO TERAPEUTA DE FAMÍLIAS

Somente depois dos primeiros escritos de Murray Bowen em 1978 é que se tem a menção de um trabalho direto realizado com os familiares dos alunos em formação, quando se dirigiam simultaneamente a docência e a terapia familiar nuclear de alguns de seus alunos. A partir da investigação que realizou de sua própria família de origem, Bowen passou a pedir que alguns de seus alunos do Centro de Terapia Familiar de Georgetown (USA) se encontrassem com suas próprias famílias de origem com a tarefa de conversar e favorecer sua própria diferenciação. Tais experiências denunciaram que esses alunos eram mais competentes para resolver os problemas que encontravam em suas famílias nucleares que outros alunos que faziam apenas psicoterapia familiar nuclear com o próprio Bowen (CANEVARO, 2009).

De acordo com Tilmans-Ostyn & Meynckens-Fourez (2000), muitos centros formadores oferecem em seus cursos de formação em terapia familiar a aplicação de algumas técnicas para proporcionar aos alunos o conhecimento de suas famílias de origem. Como exemplo destas técnicas, pode-se citar o relato de vida, o estudo do genograma, sessões com tarefas a serem cumpridas nas famílias de origem ou na presença de outros membros do grupo, jogos de papéis, construção de esculturas, apresentação das fotografias dos diferentes momentos de vida e de pessoas significativas para o aluno e o estudo de fitas de vídeo das sessões terapêuticas. Nesse sentido, a autora alerta que é muito importante que os formadores evitem o risco de oferecer uma terapia corretiva grupal ao se utilizarem das técnicas citadas, mesmo que a abordagem da formação seja instrutiva e orientadora do processo terapêutico real e individual.

Wendt & Crepaldi (2007) asseguram que atualmente os profissionais em curso de formação em terapia familiar confeccionam o genograma de suas famílias de origem com o intuito de conhecer a composição e a dinâmica familiar, bem como elucidar padrões, regras, valores, crenças, mitos e suas influências na prática profissional.

Além de poder ser empregado como instrumento de avaliação familiar, o genograma pode ser aplicado como experiência básica no processo de *diferenciação de si mesmo*, proposto por Murray Bowen na Teoria dos Sistemas Naturais, indispensável para o desenvolvimento da personalidade do terapeuta familiar em processo de formação (BERNAL & ALVAREZ-SCHWARZ, 1990).

Elkaïm (1990); Bozsormenyi-Nagy & Spark (1983); Whitaker & Bumberry (1991) compreendem que a pessoa do terapeuta constitui sua própria ferramenta de trabalho, uma vez que ele sempre utiliza a si mesmo, em sua dimensão intelectual e emocional, para entrar em contato com o mundo relacional do sistema consultante e atender às demandas terapêuticas.

Logo, é fundamental que a formação do terapeuta de famílias considere o sujeito em sua totalidade para além da destreza profissional, na busca de desenvolver as habilidades pessoais do terapeuta enquanto pessoa de onde procede fundamentalmente o aporte profissional (ELKAÏM, 1990; BOZSORMENYI-NAGY & SPARK, 1983; WHITAKER & BUMBERRY, 1991).

A utilização do genograma como instrumento terapêutico e de aprendizagem no processo de formação de terapeutas familiares reflete no uso posterior do instrumento como técnica na prática laboral (BERNAL & ALVAREZ-SCHWARZ, 1990). Pouco se tem escrito e publicado a respeito da implementação e interpretação do genograma e, muito menos, sobre as possibilidades de uso e aplicação da técnica, o que influencia enormemente no descaso com a técnica por muitos que a desconhecem e utilização superficial por aqueles que pouco se aprofundam em seu manejo (CEBERIO, 2004).

Como qualquer sistema gráfico, o genograma possui três fases a serem seguidas: 1) a *construção*, que requer uma entrevista e um sistema de registro; 2) a *leitura*, em que se reconhecem e se classificam os diferentes aspectos descritos no desenho da técnica; e 3) a *interpretação*, que permite formular hipóteses e chegar a diagnósticos psicossociais (DE LA REVILLA, 2006).

Sáez & Díaz (2007) esclarecem que o desenho do genograma contém duas partes essenciais. A primeira corresponde ao *mapa estrutural* em que se indica objetivamente a estrutura da família e a outra ao *mapa relacional* em que se estabelecem as relações entre os membros.

A criação do diagrama familiar consiste em três passos principais, entre eles: 1) o traçado da estrutura familiar, 2) o registro de informações sobre a família e 3) o delineamento das relações familiares (HERRERA, ROJAS & AWAD, 2003). O traçado da estrutura familiar implica na construção de figuras que representam as pessoas e linhas que descrevem as relações biológicas e de ligação entre os membros da família, nos diferentes níveis geracionais, como o modelo de uma árvore. Uma vez desenhada a estrutura familiar, agregam-se informações sobre a família relacionadas à demografia (idade, data de nascimento e morte, ocupações, nível educacional), funcionamentos (médico, emocional e comportamental) e as transições importantes ou acontecimentos críticos acometidos pela família (fracassos e êxitos, casamentos e separações, nascimentos e mortes, migrações, mudanças de emprego, etc.) (MCGOLDRICK & GERSON, 1985).

Castaldi (2002) evidencia os aspectos relevantes na graduação do Psicólogo e afirma que, além das necessidades teóricas, é preciso um estudo vivencial, enfatizando-se o desenvolvimento pessoal e a delimitação de uma formação personalizada que considere a história familiar do estudante, através de relações pessoais estabelecidas para além da relação entre professor-aluno. O autor salienta sobre o risco dos formadores não advertidos se tornarem terapeutas (não legitimados) de seus alunos.

Quando os alunos em formação escolhem realizar um processo psicoterapêutico individual simultâneo à formação, se colocam em uma posição particular, vivenciam as situações terapêuticas isolados e se curam “às escondidas”. Assim como os estudantes que realizam psicoterapias, os alunos da especialização em terapia familiar, ao estudar o seu genograma e conhecer suas famílias de origem durante a formação, têm a oportunidade de aprender “às claras” com os seus colegas e formadores (CANEVARO, 2009).

A lealdade recíproca entre os membros é encorajada desde o início da formação, para que cada aluno possa compartilhar durante todo o curso de formação lembranças positivas e negativas das suas experiências prévias e acontecimentos atuais e o grupo vivenciar um sentimento de solidariedade, respeito e proteção entre si. Isso acaba por conferir aos participantes o

compromisso com o grupo e o sentimento de ser apoiado pelas vivências de outrem (TILMANS-OSTYN & MEYNCKENS-FOUREZ, 2000).

A partir da investigação da estrutura e dinâmica relacional das famílias de origem, examinam-se as possíveis dificuldades e facilidades que o terapeuta de família pode apresentar no desempenho da função terapêutica (WENDT & CREPALDI, 2007). Reviver os eventos significativos da vida familiar de um aluno no *setting* de formação enriquece enormemente a capacidade de compreensão deste sobre seus recursos e limitações e minimiza as ansiedades ligadas à sua própria família, o que permitirá entender melhor seus pacientes. Além disso, entrar em contato com as emoções referentes aos grupos primários faz com que a formação se constitua em uma experiência significativa para os terapeutas, proporcionando efeitos na modificação tanto do *self* pessoal, como do *self* profissional do terapeuta em formação (CANEVARO, 2006).

Sosic, Pavez & Río Albornoz (2003:114) apresentam como ocorre o estudo do genograma do terapeuta durante o curso de formação, descrevendo que cada aluno expõe ao grupo a história de pelo menos três gerações de sua família e os condutores (supervisores ou professores) copiam o relato. “Destacam-se os antecedentes étnicos, geográficos, culturais, políticos, profissionais, de gênero, acidentais, biográficos, etc.”.

Herrera, Rojas & Awad (2003) distinguem que o enfoque Boweniano sobre formação do terapeuta tem por objetivo inicial que o instrutor (terapeuta) ofereça questionamentos ao terapeuta em formação (cliente) para que ele comece a realizar o trabalho de *diferenciação de si mesmo* e de suas famílias de origem e que leve a cabo, fundamentalmente, fora do *setting* de formação (terapêutico) e que cujo progresso depende exclusivamente dele.

Na apresentação do genograma se produz um diálogo entre os supervisores e alunos, no qual se buscam os significados associados às histórias que são narradas, aos acontecimentos que se destacam e aos valores transmitidos de geração em geração. Neste sentido, são exploradas as crenças familiares, como elas foram construídas e como influenciaram na construção da história de vida do aluno. É dessa maneira que se abrem possibilidades, ao terapeuta que estuda seu genograma, de ouvir, visualizar e incorporar outras idéias, fortalezas, laços afetivos, bem como leituras distintas das que têm

predominado até então na sua história, agora ampliadas em recursos, e que poderiam significar apenas limitações ou sofrimentos (SOSIC, PAVEZ & RÍO ALBORNOZ, 2003).

Alguns diagramas familiares podem se tornar muito complexos dependendo da extensão e profundidade dos subsídios oferecidos pelos informantes. Há que se considerar que a apresentação e construção do genograma pode se delongar para alguns e mais breves para outros, dependendo da complexidade, extensão e profundidade dos arranjos familiares, da disponibilidade em informar e da quantidade de elementos fornecidos pelo informante. Para tanto, quando realizada em grupos, prioriza-se um mediador para organizar as apresentações e favorecer as necessidades particulares e grupais (HERRERA, ROJAS & AWAD, 2003).

Este exercício tem dupla repercussão nos alunos: 1) a possibilidade de realizar uma revisão da própria história e 2) o desenvolvimento como terapeuta, pelo fato do aluno se colocar como participante de um diálogo no qual as histórias e relatos podem ser questionados e modificados na busca de novos significados e ampliação das perspectivas. Se um terapeuta aprende que é capaz de realizar mudanças na sua forma de ver a sua própria família, facilmente aceitará a ideia de que outros possam fazer mudanças na forma de ver e contextualizar as suas histórias (SOSIC, PAVEZ & RÍO ALBORNOZ, 2003).

3.4 A TÉCNICA DO GENOGRAMA NA PRÁTICA PROFISSIONAL

Apesar do genograma ser um método utilizado e difundido no universo da Terapia Familiar, pouco se tem escrito e publicado a respeito da sua implementação e interpretação e, muito menos, sobre as possibilidades de uso e aplicação do genograma (CEBERIO, 2004).

O genograma é um instrumento amplamente utilizado na terapia familiar, na formação de terapeutas familiares, na atenção primária saúde e, recentemente, sua aplicação tem sido difundida em pesquisas com a família. A utilização da técnica tem se mostrado adequada para a pesquisa com famílias em

diferentes fases de transição, em situações de processos psicoterapêuticos, em famílias com crianças acometidas por doenças crônicas, famílias de idosos, famílias com portadores de transtorno mental, famílias de adultos com câncer, entre outras (WENDT & CREPALDI, 2007).

O genograma pode ser utilizado na terapia e no aconselhamento familiar como um instrumento para engajar a família, destravar o sistema, rever dificuldades familiares, verificar a composição familiar, esclarecer os padrões relacionais familiares, conhecer a família extensiva, além de auxiliar na clarificação da demanda existente por trás da queixa explicitada pela família (MCGOLDRICK & GERSON, 1985).

Tilmans-Ostyn (2000) assegura que os adultos trazem em suas recordações o mito familiar e social de seus tempos infantis e, raros momentos, recordam suas experiências de vida anteriores aos cinco anos de idade, como se nesses anos não pudessem ter acontecido sofrimentos e acúmulos de reiteradas experiências destrutivas. O terapeuta tem a obrigação de anunciar à família consultante que esse mito não corresponde à realidade e intervir para proteger a criança no interior do adulto. As repercussões das experiências vivenciadas no transcorrer da vida dos terapeutas são acumuladas e sentidas na barriga dos terapeutas que devem ser capazes de identificá-las, ouvir as intuições e devolver isso para a família de forma terapêutica.

A revisão da história pessoal e familiar, a compreensão do próprio sistema emocional familiar e as influências recíprocas da família em atendimento, levam ao desenvolvimento das características e recursos pessoais necessários do terapeuta em formação para que seja capaz de gerir um sistema terapêutico com menos reatividade emocional e mais objetividade, neutralidade e reflexividade terapêutica, diminuindo-se a tendência de se misturar com a família consultante e evitar o desgaste emocional do terapeuta (CASTALDI, 2002).

A identificação de recursos e desafios faz com que o terapeuta se mantenha advertido aos riscos e armadilhas que a profissão oferece no *setting* terapêutico (CASTALDI, 2002), bem como evitar entrar em ressonâncias⁵ ou em

⁵ As ressonâncias estão ligadas às experiências passadas pessoais, familiares, sociais e profissionais que demarcam a percepção com que cada pessoa terá das interações das quais participa e, por conseguinte, de seu modo de agir (CURNICI & MCCULLOCH, 1999). “Denomino

isomorfismos⁶ com a história familiar levantada pelos clientes. A semelhança e, por vezes, a equivalência de características (incluindo-se dificuldades e problemáticas) entre a família do terapeuta e a família consultante, inclui a necessidade de um trabalho de *diferenciação de si mesmo* e da própria família de origem do terapeuta. O risco de perder a perspectiva profissional se faz maior quando a família em atendimento revela uma pauta vincular (proximidade, conflito e distanciamento) e/ou relacional semelhantes às pautas vinculares e/ou relacionais do terapeuta (BOWEN, 1979).

Além de atentar-se para as repercussões das próprias experiências de vida sobre o sistema terapêutico, o terapeuta familiar deve escolher a ocasião mais adequada para aplicar a técnica, sem que a mesma provoque invasões ou interfira negativamente no processo terapêutico. Dessa forma, o terapeuta deve ser cauteloso na apresentação da técnica em um momento que ela não ecoe como algo insólito e ameace a integridade dos clientes (DE LA REVILLA, 2006).

Andersen (2002) descreve a existência de três tipos de diferenças: as diferenças comuns, as adequadamente incomuns e as inadequadamente incomuns. A diferença que faz a diferença é a adequadamente incomum e é dela que o terapeuta de famílias deve se prevalecer em suas intervenções.

Ceberio (2004) propõe algumas finalidades para o uso do genograma, tais como: 1) Ferramenta complementar à Psicoterapia, com função de esclarecer e organizar as informações, para construção de hipóteses e traçar as estratégias de tratamento; 2) Modelo de intervenção terapêutica, centrado na entrevista do genograma, com a construção do instrumento e interpretação das relações com a família ou indivíduo; 3) Modelo de investigação, na coleta de dados objetivos (número e ordem dos membros de cada família, idades, nascimentos, mortes, profissões, etc.), de dados relacionais (dinâmica e funcionamento familiar, funções e papéis de cada membro, repetições de pautas através das gerações,

ressonâncias essas reuniões particulares constituídas pela intersecção de diferentes sistemas que acolhem um mesmo elemento.” (ELKAÏM, 1990, p.17).

⁶ O isomorfismo é definido por Bertalanffy (1973) como a correspondência biunívoca entre os elementos de dois grupos que preservam as operações de ambos, ou seja, quando dois sistemas se assemelham de tal forma que passam a funcionar do mesmo jeito. Na terapia familiar, o isomorfismo (mesma forma) pode ser observado quando o sistema terapêutico passa a funcionar da mesma forma que o sistema familiar e vice-versa.

jogos triangulares, etc.), dados de situações críticas ou traumáticas no transcorrer do ciclo de vida familiar; 4) Oficinas de genograma, que podem ocorrer tanto em grupos de pacientes, como de terapeutas, em que se revisam, em ambos os moldes, tramas, jogos, mitos, mandatos, crenças, crises familiares, etc.; promovendo autoconhecimento dos participantes; e 5) Técnica Projetiva, ao revelar as crenças, valores e desejos dos membros da família e do sistema em geral.

O genograma é um instrumento chave para orientar o estilo da prática do profissional na atenção familiar por favorecer categorização de informações necessárias para iniciar uma aproximação sistemática do contexto em que se originam e se desenvolvem os problemas dos membros e de suas famílias. A técnica deve ser utilizada em todos os pacientes, independente do problema que tenha motivado a consulta, posto que o genograma, além de favorecer o caráter de coleta dos dados, permite a visualização de riscos biológicos e psicossociais preventivamente, bem como detectar problemas emocionais e relacionais ocultos (DE LA REVILLA, 2006).

O profissional de saúde pode recorrer ao genograma a cada novo atendimento que realizar, a fim de complementar o mapa familiar, assim como na intenção de se inteirar e clarificar de dados disponibilizados pelo informante (MUNIZ & EISENSTEIN, 2009).

Os motivos mais freqüentes que levam os profissionais de saúde a construir o genograma são: 1) a investigação de problemas psicossociais subjacentes, 2) o estudo do desenvolvimento familiar, 3) na abordagem familiar com pacientes portadores de patologias crônicas e terminais, 4) no estudo de pessoas com problemas de saúde que produzem dependência em que a técnica permite avaliar as variáveis favoráveis e desfavoráveis individuais e familiares que podem contribuir de forma decisiva na evolução dos pacientes, 5) na abordagem familiar em pacientes adictos, na compreensão do papel da família na dependência de substâncias (DE LA REVILLA, 2006).

O autor assinala algumas limitações do uso do genograma na prática do profissional da família, como: 1) o grau de colaboração e motivação do informante para buscar e referir os dados familiares, 2) o conhecimento das questões familiares oferecidas pelo informante, 3) a visão particularizada e com possíveis

distorções da realidade quando o informante é apenas um dos membros da família estudada, 4) a falta de tempo do terapeuta para detalhar os dados tantos quantos são informados, 5) o fato do genograma ser um tipo de registro estático que reflete um momento determinado e pontual, embora contenha informações sobre relações dinâmicas, necessitando de correções e reajustes periódicos, a partir dos acontecimentos e mudanças sofridos pela família.

Como limitação principal do uso do genograma, De La Revilla (2006) alega o tempo despendido na construção da técnica e refere o estudo de Jolly, From & Rosen (1980) que contabilizam entre 9 e 30 minutos (média de 25 minutos) para a configuração do genograma. O autor assegura ainda que em sua experiência, a construção de um genograma básico ocupa o tempo de 10 a 25 minutos e entre 45 a 60 minutos quando convém aprofundar alguns aspectos. Em casos mais problemáticos, afirma necessitar a reserva de tempo entre 8 a 12 minutos para estudar o caso.

Outras dificuldades na construção de genogramas são assinaladas, como os intercasamentos na família (primos, irmãos e outros parentes consangüíneos contraem o matrimônio entre si), quando os membros mudam de residência muitas vezes e vão morar com famílias adotivas, amigos ou até com retornos periódicos ao lar e, ainda, pela dificuldade dos membros em esclarecer fatos da própria história, bem como dificuldades na informação de dados cronológicos de acontecimentos específicos (mortes, nascimentos, casamentos, separações, etc.) (ZUSE, ROSSATO & BACKES, 2002).

Uma dificuldade freqüentemente encontrada na construção dos genogramas, conhecido por “Efeito *Rashomon*”, é quando cada membro da família relata uma versão diferente sobre o mesmo fato, e cabe ao terapeuta a função de adequá-las a um significado mais uniforme, de modo a expressá-la metaforicamente em sistemas cada vez mais amplos (ZUSE, ROSSATO & BACKES, 2002). Essa questão é visualizada constantemente no preenchimento do mapa relacional, quando diferentes membros de uma mesma família oferecem informações distintas e até contraditórias referentes ao tipo de relacionamento existente entre os membros (DE LA REVILLA, 2006).

Vale lembrar sobre a importância do terapeuta familiar ser advertido e adotar as instruções referentes aos cuidados éticos em relação ao manejo, sigilo

e armazenamento de materiais coletados em consulta psicológica, previstos no Código de Ética Profissional do Psicólogo (BRASIL, 2005).

4 MÉTODO

4.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa consistiu em um estudo exploratório-descritivo de caráter quanti-qualitativo realizado com psicólogos formados ou em curso de formação em Terapia Relacional Sistêmica que iniciaram a especialização no período de 2001 a 2009.

4.2. PARTICIPANTES

Participaram desse estudo psicólogos que realizaram ou ainda realizam a Formação em Terapia Relacional Sistêmica em uma Instituição de Formação de Terapeutas de Família do Sul do Brasil.

Os participantes consistiram em catorze (14) mulheres, com idade entre 25 e 45 anos (média de 29 anos), que finalizaram a Graduação em Psicologia entre os anos de 2001 e 2006. Embora o questionário tenha sido enviado a todos os alunos (homens e mulheres) que iniciaram o curso de formação no período de 2001 a 2009, obteve-se retorno dos questionários apenas de alunos que iniciaram a Formação em Terapia Relacional Sistêmica no período de 2001 a 2007.

Dos catorze (14) participantes, um (01) está em fase de conclusão do conteúdo programático teórico-vivencial, seis (06) encontram-se na etapa de entrega do trabalho de conclusão e sete (07) já finalizaram o curso de especialização em questão.

Em respeito ao sigilo e cuidado ético com o material coletado nos questionários, utilizou-se a simbologia de R1 a R14 para representar e distinguir os catorze (14) partícipes que responderam aos questionários e tiveram trechos de relatos descritos na ilustração da pesquisa.

4.3. PROCEDIMENTOS

4.3.1. Instrumentos:

Inicialmente, realizou-se um estudo piloto em que três (03) Formadores do Curso de Especialização em Terapia Relacional Sistêmica responderam e apontaram melhorias para complementar e enriquecer o instrumento de pesquisa.

Após análise das sugestões verificadas no estudo piloto, construiu-se o *Questionário sobre o uso do Genograma* (APÊNDICE C), composto por vinte (20) questões, incluindo questões abertas e fechadas, sendo que as questões fechadas (múltipla escolha) poderiam ser respondidas com a escolha de mais de um item por questão, desde que as respostas não fossem contraditórias.

4.3.2. Coleta de Dados:

Através de contato eletrônico, encaminharam-se uma *Carta de Apresentação da Pesquisa* (APÊNDICE A), o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (APÊNDICE B) e o *Questionário sobre o uso do Genograma* para os alunos e ex-alunos do Curso de Formação em questão que iniciaram o curso no período de 2001 a 2009.

Utilizou-se uma amostra intencional, porém aleatória, conforme a definição de Creswell (2007), a fim de obter dados quantitativos e qualitativos significativos para responder o problema de pesquisa em questão.

A participação foi voluntária e consentida através da assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

4.3.3. Análise De Dados:

Os questionários foram analisados em duas etapas, sendo os dados quantitativos avaliados conforme a técnica de análise descritiva e numérica inferencial e os dados qualitativos avaliados de acordo com a análise temática de conteúdo, uma vez que instrumento de coleta da pesquisa foi composto de questões abertas e fechadas (BARDIN, 2004; CRESWELL, 2007).

Uma vez que as questões fechadas (múltipla escolha) poderiam ser respondidas com a escolha de mais de um item por questão, desde que as respostas não fossem contraditórias, as respostas quantitativas foram contabilizadas em número de respostas e não pelo número de participantes respondentes, sendo os dados descritos e tabulados em gráficos no programa Microsoft Office Excel 2007 (CRESWELL, 2007).

A interpretação dos dados qualitativos foi efetuada com as etapas de 1) pré-análise e organização/exploração do material coletado, 2) seleção de unidades de registro (trechos das respostas emitidas nos questionários) e de unidades de significado (construção de núcleos de sentido que emergiram a partir de palavras e mensagens do texto, cuja presença ou frequência indicaram pertinência aos objetivos do estudo), e 3) síntese das unidades de significação e construção de categorias (temas) (BARDIN, 2004).

A análise e interpretação dos dados quantitativos e qualitativos foram alcançados separadamente e, em alguns momentos, combinados nos resultados com o intuito de convergir as informações obtidas nos questionários para compreender, comparar e discutir os resultados arranjados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreender os resultados obtidos na pesquisa, optou-se por apresentar os resultados quantitativos, seguidos dos resultados qualitativos.

5.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS

Dos catorze (14) partícipes que iniciaram o curso de formação em Terapia Relacional Sistêmica na instituição em questão no período de 2001 a 2009, todos responderam que o instituto formador abordou sobre a importância do uso do genograma para a prática profissional.

Todos os respondentes afirmaram que cada aluno em formação teve o seu genograma estudado individualmente e todos assinalaram ainda que costumavam utilizar o genograma em sua prática profissional. Deste modo, confirmou-se na pesquisa a afirmação de Bernal & Alvarez-Schwarz (1990) ao postularem que o estudo do genograma durante o processo de formação do terapeuta de famílias reflete no uso posterior do instrumento como técnica na prática laboral.

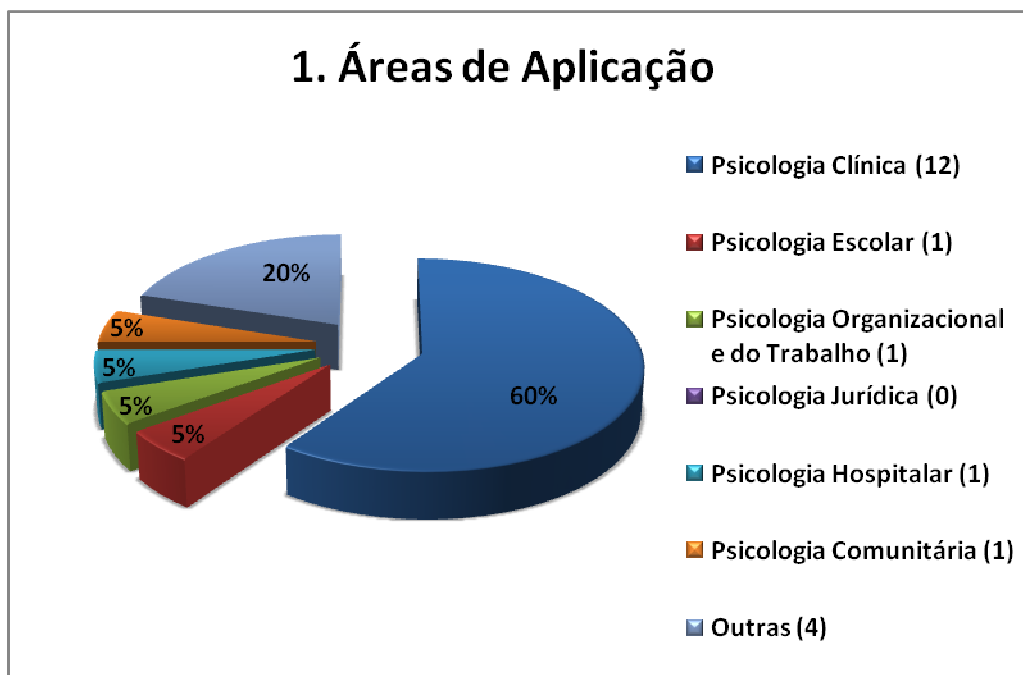


Figura 1: Gráfico referente à questão n.4 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Conforme demonstra o gráfico da Figura 1, a maioria dos terapeutas familiares realiza a aplicação da técnica na área da Psicologia Clínica, caracterizado pela frequência de doze (12) respostas. A menor parte referiu utilizar o genograma nas áreas de Psicologia Escolar, Psicologia Organizacional e do Trabalho, Psicologia Hospitalar e Comunitária. Nenhum respondente assinalou a alternativa de Psicologia Jurídica.

Os respondentes da alternativa “outras áreas de aplicação” referiram que utilizam o genograma nas áreas de Pesquisa, Ensino-Docência, Orientação Profissional e Orientação Financeira, e em Supervisão de Estágio Profissionalizante em Psicologia Escolar.

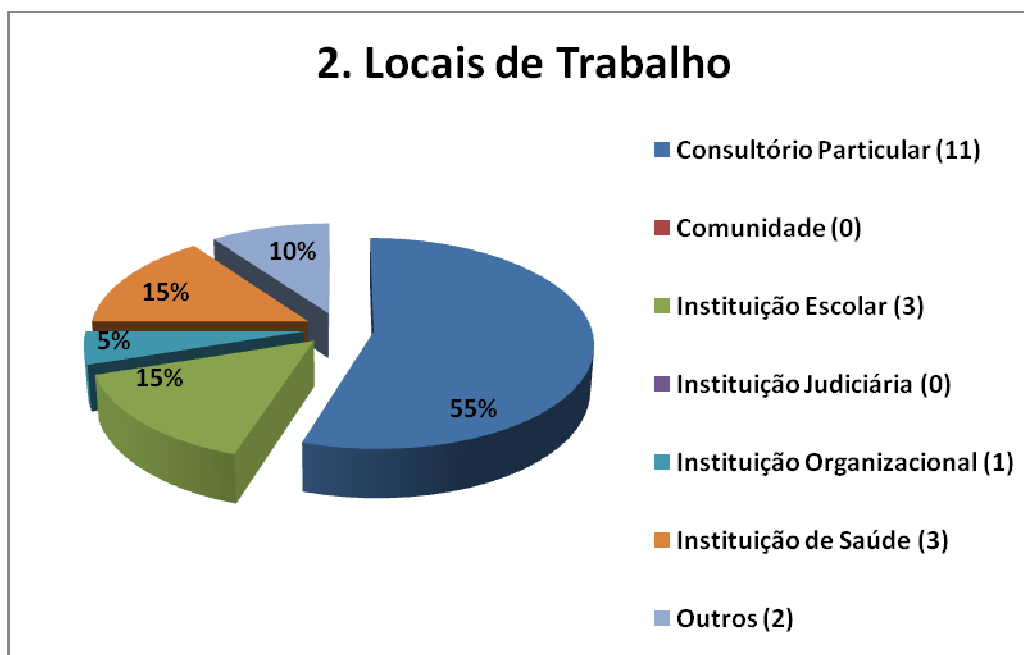


Figura 2: Gráfico referente à questão n.5 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Quanto aos locais de trabalho em que os terapeutas de família têm utilizado a aplicação do genograma, os participantes responderam, em sua maioria, o Consultório Particular com frequência de onze (11) respostas, seguido da frequência de três (03) respostas em Instituição Escolar e Instituição de Saúde (Figura 2). Os respondentes da alternativa “outros locais de trabalho” referiram locais como a Faculdade e Laboratório de Pesquisa.

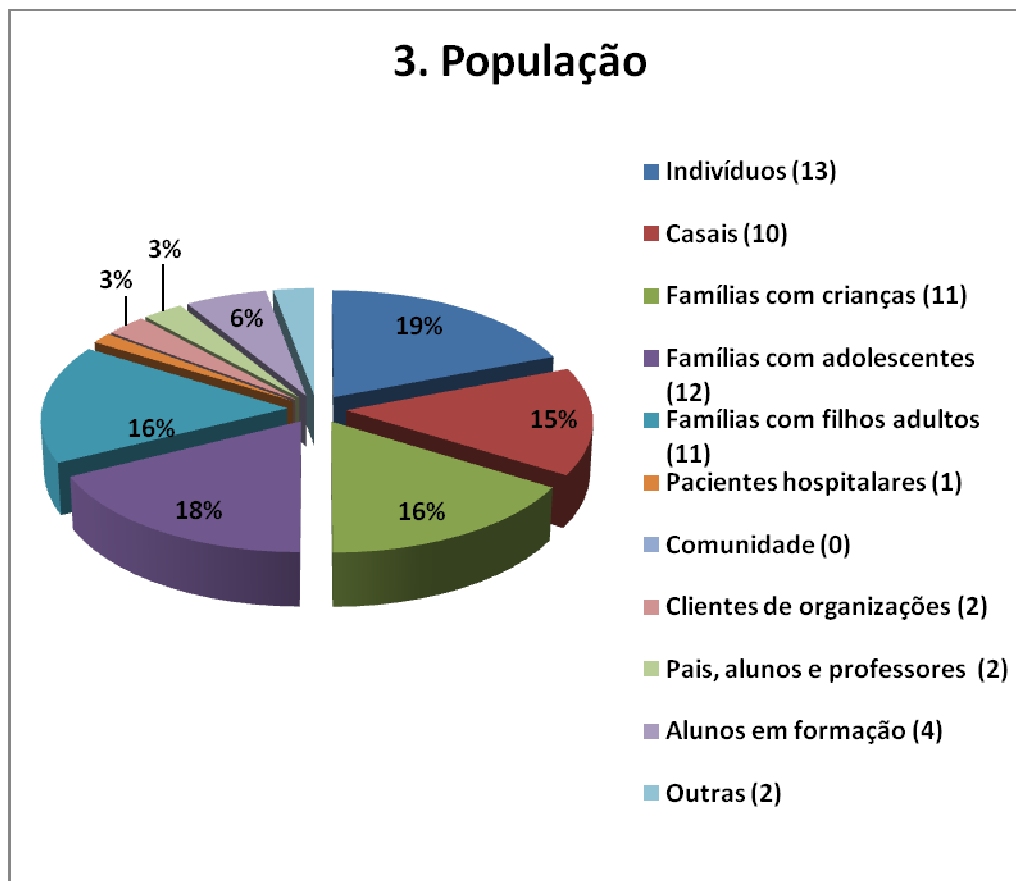


Figura 3: Gráfico referente à questão n.6 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Em referência à população com a qual utilizam o genograma, quase todos os terapeutas responderam que utilizam a técnica com indivíduos e com famílias de filhos adolescentes, pontuaram a frequência de treze (13) e doze (12) respostas, respectivamente. Nos casos de famílias com crianças e famílias com filhos adultos, observou-se a frequência de onze (11) respostas, conforme a Figura 3.

Os respondentes da alternativa “outras populações” afirmaram utilizar a técnica com indivíduos que participam de Grupos de Multifamílias e de Grupos de Pais por Adoção.

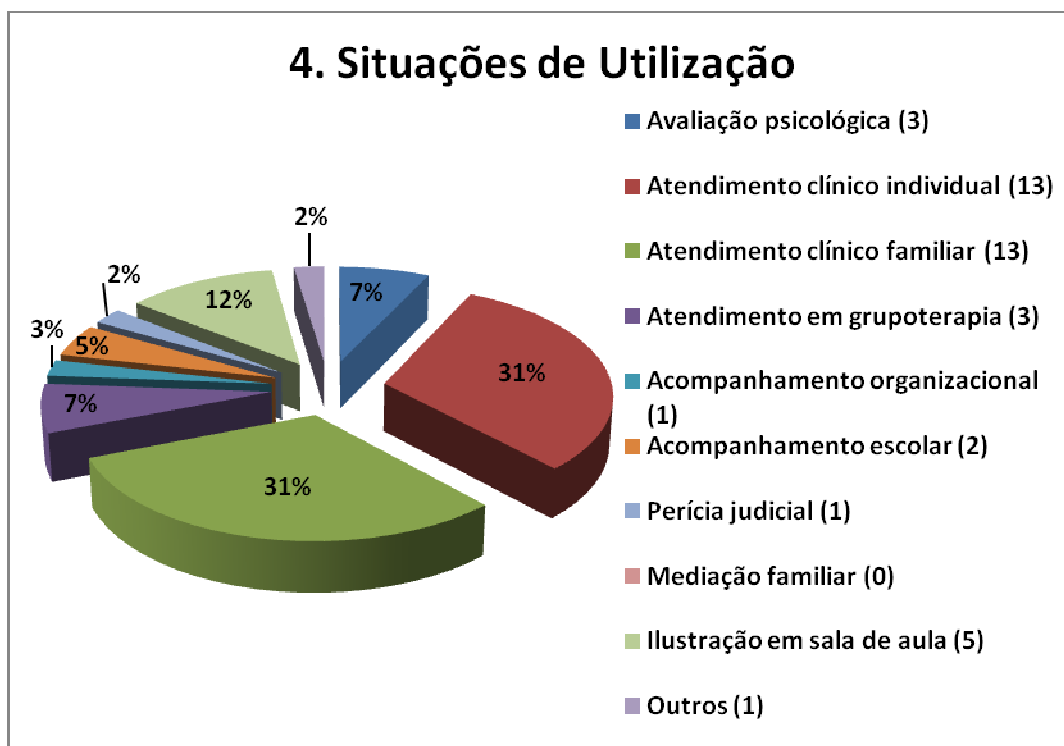


Figura 4: Gráfico referente à questão n.7 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Na Figura 4, observa-se que os terapeutas afirmaram utilizar o genograma em situações de atendimento clínico individual e familiar na maioria dos casos, apontando-se a frequência de treze (13) respostas em ambos. O respondente da alternativa “outras situações de utilização” apontou a situação de Pesquisa na utilização do genograma.

Apesar da frequência de respostas concentrarem-se em dois (02) dos dez (10) itens, observou-se na amostra que os terapeutas familiares têm aplicado o genograma em diferentes situações que permeiam a prática laboral do psicólogo.

Não se encontrou dados na literatura que corroborem ou refutem os resultados da pesquisa observados nas Figuras 1, 2, 3 e 4 referente à área de atuação, local de trabalho, população e situação de utilização do genograma pelos terapeutas de família.

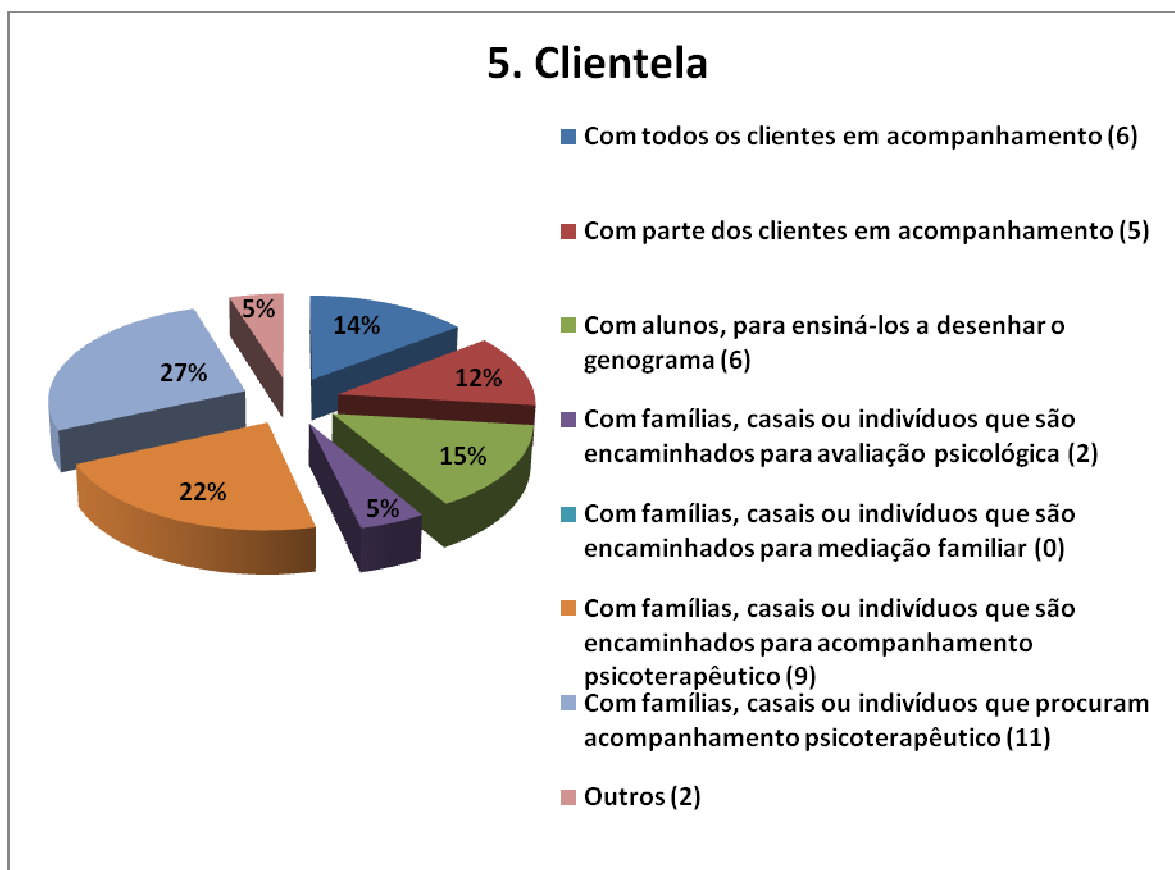


Figura 5: Gráfico referente à questão n.8 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Em relação à clientela, pode-se visualizar na Figura 5 que os terapeutas disseram utilizar o genograma principalmente com famílias, casais ou indivíduos que procuram – frequência de onze (11) respostas – ou são encaminhados – frequência de nove (09) respostas – para acompanhamento psicoterapêutico.

Os respondentes da alternativa “outras clientelas” assinalaram que costumam aplicar o genograma com famílias, casais ou indivíduos que já estão em acompanhamento psicoterapêutico e em famílias que realizam matrícula de novas crianças na instituição de educação infantil.

Cabe salientar que embora a maior parte dos resultados evidenciados pelos partícipes tenha registrado que os Terapeutas de Família utilizam o genograma principalmente na área clínica, a pesquisa indica que apenas seis (06) respondentes (14%) afirmaram usar o genograma com todos os clientes. Esse resultado chama atenção uma vez que De La Revilla (2006) indica que o genograma deveria ser utilizado com todos os clientes, independente do problema que tenha motivado a consulta.

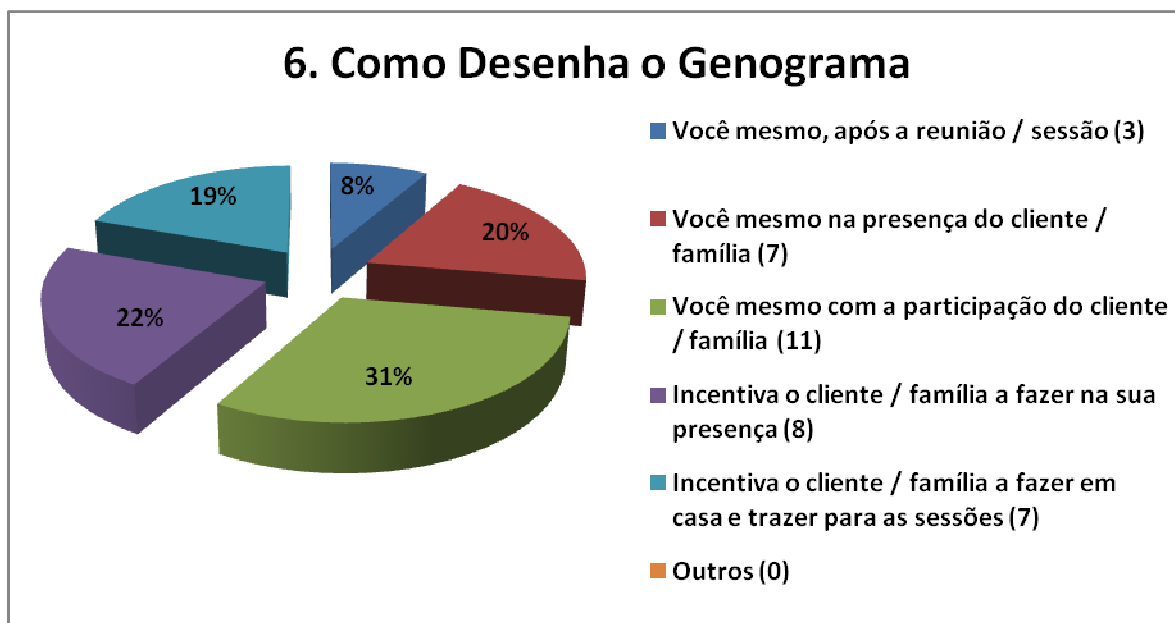


Figura 6: Gráfico referente à questão n.9 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Na questão em que se perguntou como os terapeutas desenhavam o genograma, onze (11) respondentes afirmaram que desenhavam a técnica com a participação do cliente/família; oito (08) disseram incentivar o cliente/família a desenhar o genograma na sua presença; sete (07) respondentes afirmaram tanto incentivar o cliente/família a fazer em casa e trazer para as sessões como realizar o desenho ele mesmo na presença do cliente/família (Figura 6).

Apenas três (03) terapeutas responderam desenhar o genograma após a reunião/sessão, indicando que priorizam desenhar o genograma durante a reunião/sessão (com ou sem ajuda do cliente), correspondendo a 73% dos respondentes.

Em semelhança à forma que os terapeutas de família têm desenhado o genograma, não se alcançou dados referentes à temática na literatura pesquisada, embora tenha se encontrado uma gama considerável de artigos na bibliografia disponível que referenciam o genograma como técnica de trabalho.

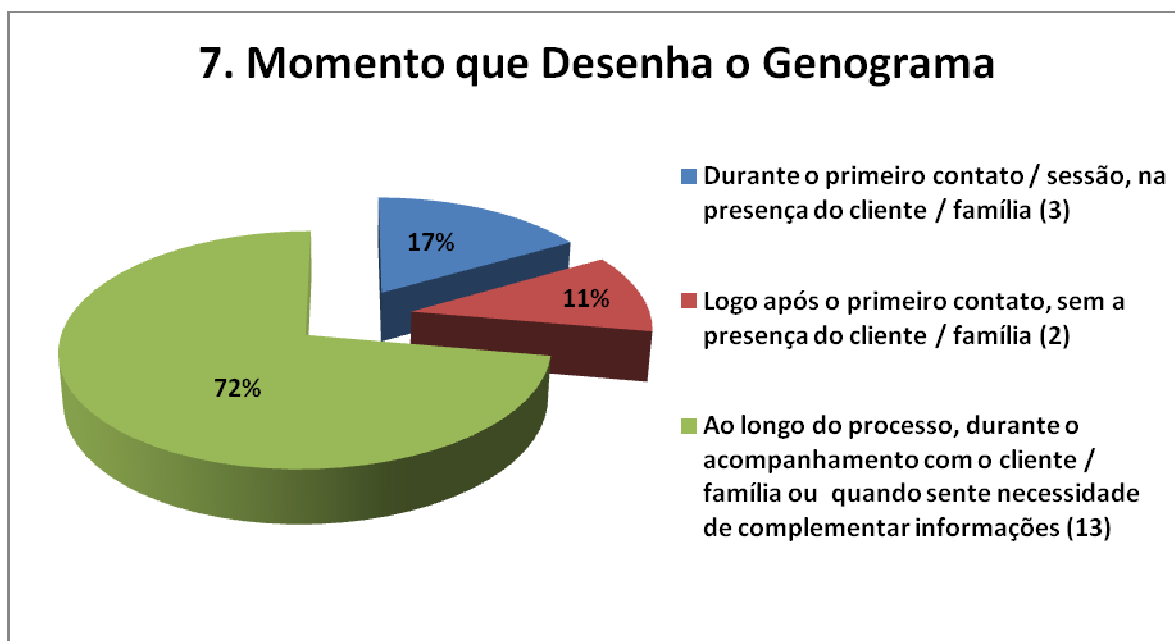


Figura 7: Gráfico referente à questão n.10 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Ao se questionar em que momento o genograma é desenhado, a frequência foi de treze (13) respostas, inferindo-se que a maioria dos participantes realiza o desenho da técnica ao longo do processo terapêutico ou do acompanhamento com o cliente/família, em situações em que sente necessidade de complementar com informações que surgem após o primeiro encontro (Figura 7).

Observa-se que os resultados indicados acima confirmam os apontamentos de Muniz & Eisenstein (2009) ao definir que o profissional de saúde pode recorrer ao genograma a cada novo atendimento que realizar na intenção de se inteirar e clarificar os dados já disponibilizados pelo informante, bem como a fim de complementar o mapa familiar com novas informações.

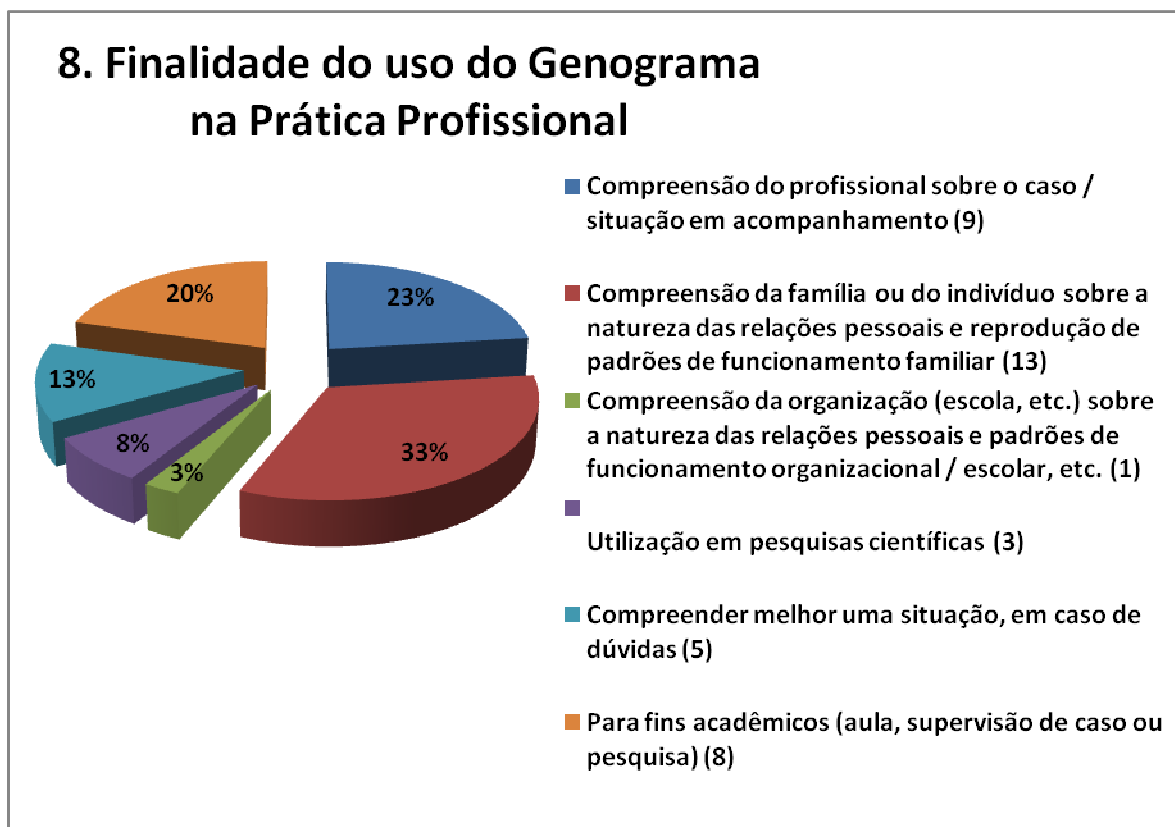


Figura 8: Gráfico referente à questão n.11 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Na Figura 8, os terapeutas assinalaram que utilizam o genograma na prática profissional com a finalidade principal de promover a compreensão da família ou do indivíduo sobre a natureza das relações pessoais e reprodução de padrões de funcionamento familiar – frequência de treze (13) respostas.

Em segundo lugar, com a frequência de nove (09) respostas, os respondentes destacaram a finalidade de compreensão do profissional sobre o caso/situação em acompanhamento, seguido dos fins acadêmicos – frequência de oito (08) respostas.

A finalidade do uso do genograma assinalada nos resultados da pesquisa confirma a pontuação de McGoldrick & Gerson (1985) ao alegarem que o genograma pode ser utilizado como um instrumento de investigação e compreensão do sistema familiar; e a citação de Wendt & Crepaldi (2007) ao afirmarem que o genograma é um instrumento amplamente utilizado na terapia familiar, na formação de terapeutas familiares, na atenção primária saúde e em pesquisas com a família.

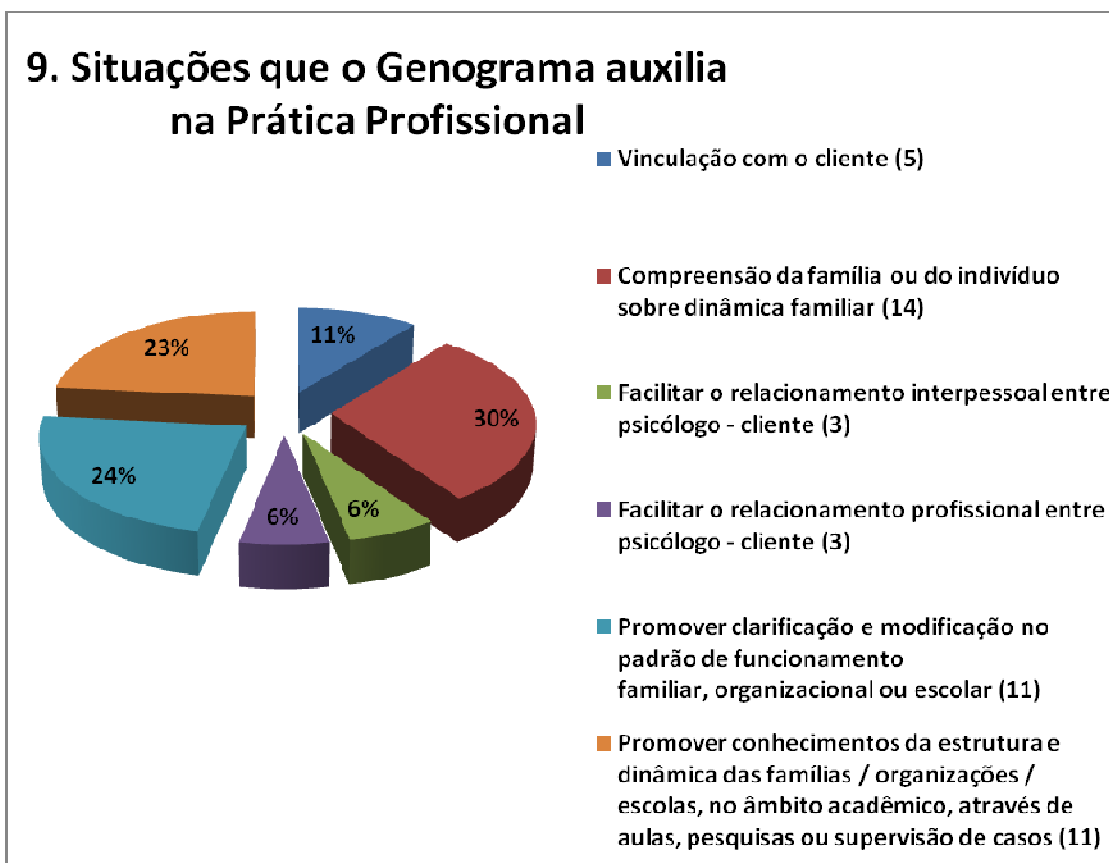


Figura 9: Gráfico referente à questão n.12 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Em relação às situações em que a técnica do genograma tem auxiliado na prática profissional, todos os terapeutas assinalaram a alternativa que confere à compreensão da família ou do indivíduo sobre dinâmica familiar.

Com frequência de onze (11) respostas, os respondentes indicaram as situações que promovem a clarificação e modificação no padrão de funcionamento familiar, organizacional ou escolar e igualmente em número de frequência de respostas para a alternativa que destaca a promoção de conhecimentos da estrutura e dinâmica das famílias/organizações/escolas, no âmbito acadêmico, através de aulas, pesquisas ou supervisão de casos (Figura 9).

Os resultados obtidos na pesquisa vêm sancionar aquilo que De La Revilla (2006), Carter & McGoldrick (1995) e McGoldrick & Gerson (1985) postulam sobre a técnica do genograma, como um instrumento chave para orientar o estilo da prática do profissional na atenção familiar, posto que o desenho gráfico permite

explorar a estrutura e o funcionamento família de forma clara, resultando em um eficiente resumo clínico da família.

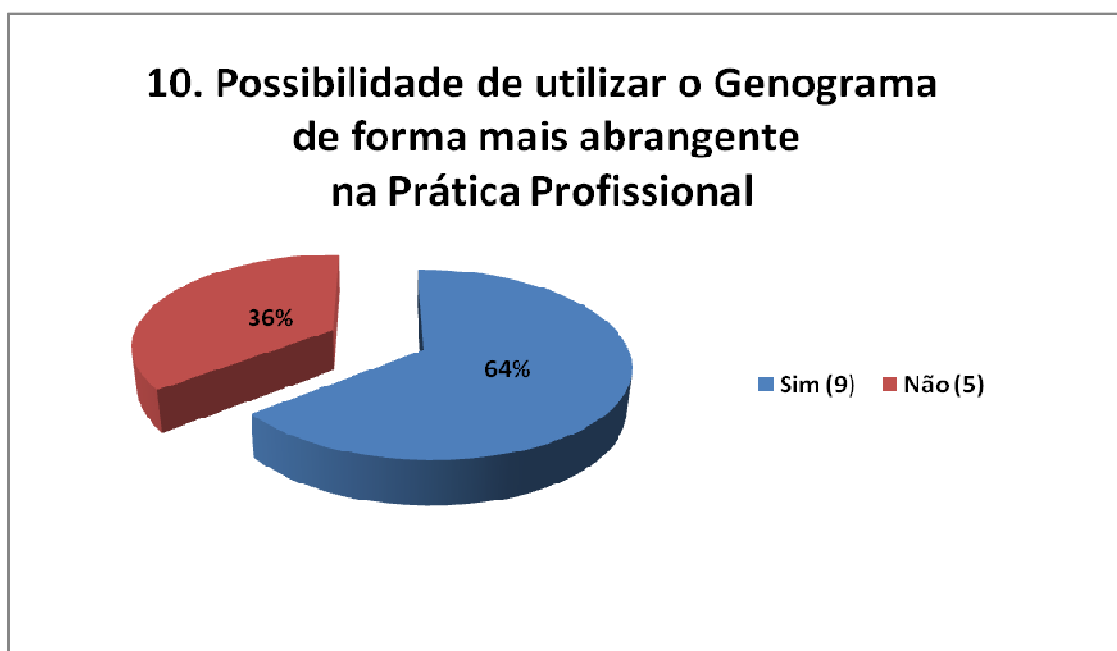


Figura 10: Gráfico referente à questão n.20 do *Questionário sobre o uso do Genograma*.

Quanto à possibilidade de utilizar o genograma de forma mais abrangente em sua prática profissional, cerca de nove (09) respondentes afirmaram que sim e cinco (05) assinalaram que não, demonstrado na Figura 10.

Para aqueles que responderam sim (64%), justificaram suas respostas dizendo que poderiam: 1) utilizar o genograma para realizar hipóteses sistêmicas e no auxílio de previsão de acontecimentos futuros; 2) desenhar mais a técnica no decorrer dos encontros com os clientes; 3) ampliar o uso da técnica em outros contextos da prática profissional (por exemplo, atendimento grupal); 4) estender o uso do genograma para os demais profissionais da equipe de trabalho; 5) apresentar o instrumento para os residentes e outros profissionais da residência; 6) explorar o uso do genograma no Programa de Saúde Ocupacional, no acompanhamento de funcionários em instituição pública; 7) empregar de forma mais consistente e sistemática; 8) aproveitá-lo ainda mais como ferramenta terapêutica para auxiliar os pacientes, incentivando-os na construção conjunta.

Resumidamente, pode-se dizer que os partícipes afirmaram acreditar, conforme R14 descreve, que: “os genogramas podem ser utilizados em todos os

âmbitos de atuação do psicólogo e que seu uso se faz importante em todas as etapas dos trabalhos”.

Aqueles que julgaram que não poderiam utilizar o genograma de forma mais abrangente em sua prática profissional, reconheceram que já utilizam o genograma de forma ampla em sua prática laboral e se dizem satisfeitos por utilizá-lo de maneira adequada, abrangente e com a maioria dos clientes, corroborado na fala de R5: “Avalio que utilizo de maneira abrangente e adequada o genograma em minha prática profissional”.

Infere-se pelos resultados que a ocasião de conhecer a técnica em profundidade com o estudo do próprio genograma durante a formação possibilitou apreensão e discernimento das possibilidades e uso da técnica, corroborando-se com a proposição de Bernal & Alvarez-Schwarz (1990) ao pontuar que a utilização do genograma como instrumento terapêutico e de aprendizagem no processo de formação de terapeutas reflete no uso posterior do instrumento como técnica na prática laboral.

5.2 RESULTADOS QUALITATIVOS

Os resultados qualitativos foram categorizados em três (03) temáticas principais: 1) Repercussões do estudo do genograma no âmbito pessoal do terapeuta de famílias, 2) Repercussões do estudo do genograma no âmbito profissional do terapeuta de famílias e 3) Implicações do uso da técnica na formação do terapeuta de famílias; constituídas de subcategorias abaixo apresentadas. Em cada tema, foram apresentados trechos de relatos dos participantes de forma a ilustrar a pesquisa em questão.

5.2.1 Repercussões do estudo do genograma no âmbito pessoal do terapeuta de famílias

5.2.1.1 Conhecer e compreender a própria história familiar

Os participantes descreveram algumas das repercussões do estudo do genograma na esfera pessoal e relataram a importância de visualizar-se no sistema familiar, com a oportunidade de olhar para a própria história a partir de uma visão ampliada, conforme a proposta do Pensamento Sistêmico proporcionada pelo genograma.

Os relatos seguintes articulam que o estudo do genograma foi importante “por compreender que este é fundamental, imprescindível, para visualização do indivíduo dentro do sistema familiar” (R1) e que o instrumento “permite uma visualização quase que instantânea da composição da família e dos padrões de relacionamento, que facilitam a compreensão da mesma. A própria visualização, por vezes, já traz consigo um efeito terapêutico.” (R4).

Este resultado confirma o que é referido por Carter & McGoldrick (1995), ou seja, que a delimitação da estrutura básica, da demografia, do funcionamento e dos relacionamentos da família, através do genograma favorece uma visão do quadro trigeracional de uma família e de seus movimentos através do ciclo de vida familiar, bem como permite a observação dos padrões de funcionamento e de problemas previsíveis na família em estudo.

Os partícipes especificaram ainda como repercussões pessoais importantes o fato do estudo da técnica permitir:

- 1) Conhecer a estrutura familiar;**
- 2) Identificar a posição, função e papéis exercidos na família;**
- 3) Advertir-se da dinâmica relacional familiar;**
- 4) Analisar os padrões relacionais entre os membros (R14: “principalmente para clarear a dinâmica e os padrões de relacionamento na família nuclear e em ambas as famílias ampliadas”);**

5) Identificar as escolhas frente aos padrões de funcionamento pessoal e familiar.

Além das questões relacionadas ao desenho e mapeamento do genograma acima apresentados, alguns indicaram também como repercussões pessoais significativas a possibilidade de:

6) Conhecer lacunas da história familiar desconhecidas (R12: “me ajudar a entender questões até então não percebidas da dinâmica de minha família, de padrões de relacionamento importantes”);

7) Desvendar segredos familiares (R7: “conhecer histórias e segredos jamais falados na família”);

8) Conversar sobre temas tabus ou não-ditos familiares (R9: “Para construir meu genograma, tive que buscar informações que comumente não se conversava em família. Tive a oportunidade de descobrir fatos desconhecidos e que fizeram muito sentido nos padrões de funcionamento e de repetição da família”);

9) Revelar padrões e relacionamentos encobertos, articulado por R12, ao afirmar que o estudo do genograma “ajuda a clarificar (para o terapeuta e a família) padrões e relações familiares até então “encobertos” e também favorece o aparecimento de histórias familiares (família de origem) e outras questões a serem trabalhadas.”;

10) Identificar padrões de repetições transgeracionais (R2: “O genograma é um instrumento fundamental que catalisa o entendimento sobre os processos transgeracionais, que possuem força determinante na formação do indivíduo.”);

11) Clarificar as influências das expectativas, mitos e crenças familiares na vida pessoal (R8: “Estudar o genograma foi importante para compreender como estas informações, histórias de família e o modo como compreendemos as relações são importantes para se dar conta de nossa história pessoal, escolhas e padrões de funcionamento pessoal e familiar”);

12) Compreender os efeitos da transgeracionalidade nas escolhas pessoais e profissional (R8: “Compreendi melhor como minha família e seu funcionamento interferem em minhas escolhas pessoais e profissionais, bem como em padrões de relacionamento”);

13) Reconhecer e diferenciar o que se refere aos conteúdos e sentimentos do terapeuta e de sua família de origem e o que confere à família/cliente em

atendimento (R3: “prestar atenção no que se refere à família do terapeuta e não à família em atendimento”; R4: “o que é meu’ e o que ‘é do outro””).

Constatou-se que alguns relatos são confirmados por McGoldrick & Gerson (1985) que referem que o genograma pode ser utilizado como um instrumento para verificar a composição familiar, esclarecer os padrões relacionais familiares, conhecer a família extensiva, engajar a família no acompanhamento terapêutico, destravar o sistema, rever dificuldades familiares, além de auxiliar na clarificação da demanda existente por trás da queixa explicitada pela família.

No mesmo sentido, os resultados da pesquisa demonstram conformidade com a apreciação de Carter & McGoldrick (1995) ao afirmarem que o genograma demonstra a maneira como os indivíduos estão conectados às suas famílias de origem e evidencia as regras familiares e os papéis desempenhados por cada membro no seio familiar.

5.2.1.2 Efeitos terapêuticos sobre o terapeuta em formação

Quanto aos efeitos terapêuticos observados pelos respondentes do uso da técnica sobre si mesmos, grande parte dos respondentes pronunciou sobre a oportunidade de identificar os recursos e desafios no desempenho da função terapêutica a partir da investigação das famílias de origem, articulado por R2: “Foi através do entendimento de minha própria história que pude ver meus recursos como terapeuta e possíveis desafios a serem trabalhados”.

Os resultados apresentados ratificam o que Wendt & Crepaldi (2007) asseguram, que é a partir da investigação da estrutura e dinâmica relacional das famílias de origem que se examinam as possíveis dificuldades e facilidades que o terapeuta de família pode apresentar no desempenho da função terapêutica.

Alguns partícipes afirmaram sobre o favorecimento do uso da técnica na mudança de papel ou funções exercidas na família de origem, como revela R4 que: “o estudo do meu genograma durante a formação permitiu uma clarificação e compreensão de mim mesma e das relações com minha família e ‘com o mundo’. Foi um processo com repercussões emocionais e relacionais muito positivas.

Teve um efeito terapêutico pessoal importante.” e R7: “Acho que o que mais me marcou era o papel que eu estava assumindo na minha família, o que naquele momento estava me impedindo de iniciar minha vida profissional”.

Esses resultados sancionam Castaldi (2002) ao revelar que o estudo da família de origem do terapeuta favorece o desenvolvimento de um profissional mais maduro; e reforçam Sosic, Pavez & Río Albornoz (2003) ao defender que se um terapeuta aprende que é capaz de realizar mudanças na sua forma de ver a sua própria família, facilmente aceitará a ideia de que outros possam fazer mudanças na forma de ver e contextualizar as suas histórias.

Um dos participantes referiu o uso do genograma durante a formação como processo decisivo para iniciar a psicoterapia, como evidencia o relato de R5: “A elaboração e a apresentação do genograma para os colegas e professores do curso foram determinantes para a minha decisão em iniciar um processo psicoterápico, pois possibilitou um aumento de visibilidade acerca das relações estabelecidas no sistema familiar no qual estou inserida e o quanto a natureza e qualidade dessas relações irão interferir sobre o meu desenvolvimento pessoal e profissional”.

Determinados participantes reafirmaram a importância de desenhar o genograma mesmo após ter usado a técnica em psicoterapia, como o R9 relata: “Mesmo que já tenha estudado o meu genograma em terapia pessoal, visualizar e discutir na turma trouxe novas compreensões acerca do funcionamento familiar e pessoal, bem como dos mitos, crenças e padrões geracionais”.

Conforme Canevaro (2009), os dados da pesquisa reforçaram que reviver eventos significativos da vida familiar de um aluno no *setting* de formação enriquece a capacidade de compreensão dos terapeutas sobre seus recursos e limitações e minimiza as ansiedades ligadas às suas próprias famílias, o que permitirá entender melhor seus pacientes.

5.2.2 Repercussões do estudo do genograma no âmbito profissional do terapeuta de famílias

5.2.2.1 Aprendizagem do genograma como instrumento

A maioria dos participantes referiu como repercussões do estudo do genograma no âmbito profissional a importância de aprender a desenhar e mapear o genograma, obtendo um recurso prático e objetivo enquanto terapeuta de famílias; como relata R9: “A partir do conhecimento de como se utilizar da técnica e de como desenhar o genograma me possibilitou um instrumento de avaliação e acompanhamento prático, relativamente rápido, com dados resumidos dos clientes em acompanhamento”.

Neste sentido, McGoldrick & Gerson (1985) são confirmados ao apresentarem que o desenho gráfico da família permite explorar a estrutura familiar de forma clara, resulta em um eficiente resumo clínico da família, permite ao terapeuta adquirir, de forma rápida, uma grande quantidade de informações e favorece uma visão dos problemas crônicos e em potencial.

Outros participantes referenciaram como repercussões do uso da técnica na formação quanto ao manejo da técnica, o fato de aprender e desenvolver meios para explorar o genograma de famílias em atendimento (R9: “Serve ainda de norteador de perguntas sobre as tramas familiares, compreensão e comentários que podem ser feitos para ampliar a reflexão no contexto de abordagem”; R1: “perceber as técnicas de manejo no trabalho com este instrumento, as perguntas que podem ser feitas e comentários que podem ampliar a reflexão”).

Determinados participantes destacaram a necessidade de compreender a dimensão e os efeitos do uso do genograma sobre os aspectos emocionais e relacionais como etapa fundamental para o crescimento profissional enquanto terapeuta de famílias, corroborado na fala de R4: “Estudar meu genograma na minha formação; compreender minha posição; meu papel na minha família; os

padrões de relacionamento; foi um exercício fundamental para compreender a dimensão do uso do genograma – as repercussões emocionais e relacionais.”

Sosic, Pavez & Río Albornoz (2003) garantem que o estudo do genograma no curso de formação tem dupla repercussão nos alunos, fato confirmado na pesquisa a partir dos resultados acima ao elucidarem que o uso da técnica possibilita realizar uma revisão da própria história do aluno, além de favorecer o desenvolvimento do terapeuta como profissional.

Outros partícipes apreciaram ainda que o estudo do genograma na formação auxilia o terapeuta de famílias a ser mais cauteloso e atentá-lo à necessidade de esclarecer sobre a utilização da técnica para os clientes, como comentado pelo respondente R13: “Antes de realizá-lo junto com o cliente/família explico o que vou fazer, qual o meu objetivo e como isso pode nos ajudar no processo terapêutico. Geralmente o cliente/família concorda em fazê-lo junto comigo.” e R11: “Explicação ao indivíduo/família do que será feito; armazenamento em local trancado, junto com as informações do paciente.”.

Não se encontrou na literatura brasileira disponível relatos de profissionais que se preocupam em esclarecer aos clientes sobre os objetivos da utilização do genograma.

Outros enfatizaram também que aprenderam a identificar que existe um momento adequado para utilizar a técnica, referido pelo R12: “Em relação à utilização, o cuidado é na percepção de ser ou não o momento para fazer o genograma com o cliente/família e o que pode ser incomum demais naquele momento (principalmente se está se iniciando o processo psicoterapêutico).”

Assim como Andersen (2002) propõe a necessidade de ser adequadamente incomum nas intervenções terapêuticas, também se confirma na pesquisa que é forçoso que o terapeuta de famílias fique atento para o momento apropriado de realizar o estudo do genograma com o cliente/família para que a técnica não se torne comum demais e, tão pouco, inadequadamente incomum.

Certos participantes ressaltaram a necessidade do terapeuta aprender a identificar as repercussões emocionais e relacionais da família em atendimento sobre si mesmos, bem como a clareza para fazer uso consciente do que sentem no atendimento familiar; R4: “Sentir na pele’ tais repercussões, permitiu que eu passasse a fazer uso do genograma na minha prática profissional com um maior

aproveitamento e conseguir fazer o uso ‘terapêutico consciente’ daquilo que sinto nos atendimentos”.

Assim como Tilmans-Ostyn (2000), a pesquisa evidenciou que o estudo do genograma durante a formação facilita ao terapeuta identificar as repercussões de experiências vivenciadas no transcorrer de suas vidas, digerir e transformar os conteúdos a serem devolvidos à família de forma terapêutica.

Um dos participantes evidenciou a prática do estudo do genograma em formação como forma de preparar o terapeuta para situações inesperadas, como visto no relato de R5 ao referir que o terapeuta familiar precisa estar preparado para a “necessidade de oferecer suporte psicológico para o cliente quando a elaboração do genograma suscita angústias ou a problematização de situações apresentadas como ‘naturais’ anteriormente”.

5.2.2.2 Cuidado ético no manejo, sigilo e armazenamento do genograma

Quanto ao manejo e armazenamento dos documentos, os terapeutas afirmaram armazenar o genograma em arquivo, pasta ou prontuário, guardados em local privado e seguro (na própria residência do terapeuta, em consultório particular ou instituição em que trabalham), submetidos às mesmas regras de sigilo profissional de outros materiais psicológicos. Alguns referiram ainda armazenar o genograma junto aos demais documentos referentes a cada família/cliente (anotações, questionamentos, supervisões, encaminhamentos, etc.). Enquanto alguns participantes mencionaram que o material produzido fica de posse do terapeuta, outros aludiram que preferem deixar o material elaborado na posse do cliente.

Em relação ao sigilo das informações obtidas na construção do genograma, determinados partícipes asseguraram que oferecem acesso restrito do genograma somente à família/cliente, já outros participantes certificaram que oferecem acesso do genograma para profissionais da equipe de trabalho

(incluindo não psicólogos ou não terapeutas familiares), quando em discussão de casos, com consentimento das famílias.

Observa-se, portanto, que os resultados citados estão em concordância com os cuidados chancelados pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (BRASIL, 2005), notadamente previstos em relação ao manejo, sigilo e armazenamento de materiais coletados em consulta psicológica.

5.2.2.3 Abrangência na utilização do instrumento

Assim como nos dados quantitativos apresentados na Figura 9, alguns participantes alegaram que o genograma serve-se como instrumento facilitador no trabalho do terapeuta de famílias, bem como da relação terapeuta e cliente, constatando-se que “o genograma tem se mostrado um instrumento facilitador no atendimento com famílias ou mesmo individual. O que me motiva a utilizar o genograma em minha prática profissional é o conhecimento acerca das suas possíveis repercussões, referentes tanto a interação entre psicólogo e cliente quanto ao desenvolvimento pessoal do cliente.” (R5).

Além de instrumento facilitador, quase todos os participantes evidenciaram o genograma como um instrumento de diagnóstico e intervenção eficaz, confirmado na descrição de R13: “Considero um ótimo instrumento para diagnóstico da dinâmica familiar e dos padrões relacionais que a família e/ou indivíduo traz (seja de casamento, seja de relação com o trabalho, seja de relação com o dinheiro, seja na forma de relacionamento e organização de uma empresa, etc.).”.

Outros participantes alegaram que o genograma auxilia como instrumento de investigação e categorização de dados em pesquisa, instrumento de estudo de caso em equipe (R5: “Auxilia muito na apresentação e discussão de casos na equipe de saúde.”), na formulação de hipóteses sistêmicas (R8: “É um instrumento que ajuda o terapeuta a formular hipóteses consistentes e verificação da dinâmica familiar, bem como auxilia imensamente o cliente/família a se dar conta de suas próprias questões.”), na organização e sistematização de dados (R10: “Auxilia a

organizar e sistematizar os dados da história da família.”), além de instrumento facilitador na visualização do sistema familiar como um todo (R14: “Melhor visualização e conhecimento da família, incluindo relações, padrões, histórias, repetições, etc.”; R11: “Melhor visualização do sistema familiar do indivíduo em questão, além de ser uma maneira de ter maior acesso às informações do paciente” e R9 “Para auxiliar no resumo de dados informados, para compreender a dinâmica e funcionamento familiar, bem como para visualizar papéis e funções do indivíduo dentro do sistema familiar.”).

De acordo com McGoldrick & Gerson (1985), os resultados da pesquisa fortaleceram o reconhecimento do genograma como uma ferramenta de investigação e intervenção que permite adentrar a história de uma família e os processos emocionais que ali ocorrem, além de servir como fonte de hipóteses explicativas que considera o contexto relacional e a evolução da rede familiar através do tempo.

Determinados participantes afirmaram também que o estudo do genograma serve como promotor no desenvolvimento pessoal do cliente (R7: “pode ajudar o indivíduo ou a família a perceberem como se dá sua dinâmica familiar e de também conhecer histórias e segredos jamais falados na família.”) e pode servir de agente para retomada de relacionamentos distanciados ou rompidos (R12: “Já tive o retorno de um cliente que após a construção do seu genograma, voltou a contatar pessoas de sua família que há tempo não falava.”).

Assim como observado na pesquisa, Herrera, Rojas & Awad (2003) destacam que, em muitos casos, o genograma é o primeiro passo de um percurso familiar a ser transcorrido que permite o indivíduo buscar a reestruturação de laços afetivos.

5.2.2.4 Facilidades e dificuldades advindas com o uso da técnica

Em conformidade às facilidades e dificuldades do estudo da técnica, alguns terapeutas consideram como facilidades do uso do genograma o fato de ele servir como mapa esquemático da composição e das relações familiares, dos padrões

de comportamento e repetição, destacando-se concentração de dados do sistema familiar de forma organizada e ilustrativa que promovem a compreensão da dinâmica familiar, a memorização de nomes e situações significativas, bem como o acesso para aprofundar a riqueza histórica familiar de forma objetiva e clara, além de permitir formular hipóteses sistêmicas. Carter & McGoldrick (1995) reforçam esse entendimento ao afirmar que a técnica organiza o pensamento do terapeuta e da família, facilita ao terapeuta conhecer os membros da família e os caminhos para efetivos sucessos no tratamento.

Outra facilidade apontada foi o fato de poder utilizar o genograma também como técnica de intervenção promotora do reconhecimento e da diferenciação do cliente no sistema familiar, que de acordo com R7, o genograma “poder ajudar o paciente a se assemelhar a alguns membros da família e também se diferenciar.”; R13: “Permite a visualização por parte do cliente de sua história familiar e dos modelos presentes nessa história. Por meio do genograma, muitas vezes o cliente descobre os padrões que estava repetindo e as lealdades invisíveis que estava tendo com determinados membros da família. Isso favorece muito o processo terapêutico e a tomada de decisão de mudança, quando necessário.”

Como mostram os resultados, Bernal & Alvarez-Schwarz (1990) asseguram que o genograma pode ser aplicado como experiência básica no processo de *diferenciação de si mesmo*, proposto por Murray Bowen (1979), indispensável para o desenvolvimento da personalidade do terapeuta familiar em processo de formação.

Já as dificuldades destacadas pelos participantes da pesquisa em relação ao uso da técnica, consistiram pela identificação de configurações complexas, famílias com fratrias numerosas ou famílias com intercasamentos entre as famílias de origem, demandando tempo e dedicação do terapeuta e do cliente para confecção do genograma, como apresenta R13: “Alguns genogramas são muito extensos e complexos e demandam muito tempo para sua construção. Às vezes o cliente se sente entediado de ficar muitas sessões em cima do genograma”.

Herrera, Rojas & Awad (2003) corroboram com os resultados acima em que avaliam que alguns diagramas familiares podem se tornar muito complexos dependendo da extensão e profundidade dos subsídios oferecidos pelos

informantes. Cabe ao terapeuta escolher junto com a família e estabelecer o tempo e o formato em que irão construir o genograma.

Os participantes não esclareceram sobre o tempo despendido na construção do genograma como destaca De La Revilla (2006) em sua experiência (10 a 25 minutos para a construção de um genograma básico e entre 45 a 60 minutos quando convém aprofundar alguns aspectos) e Jolly, From & Rosen (1980) que contabilizam uma média de 25 minutos na construção do genograma. Embora os autores aleguem o tempo médio como demasiadamente longo, causa espanto que o fator tempo seja visto como limitação do uso do genograma na prática profissional, uma vez que os clientes/famílias se beneficiam e passam por um processo de intervenção terapêutica durante a confecção do genograma, conforme as proposições de Bernal & Alvarez-Schwarz (1990), Canevaro (2009), Ceberio (2004), McGoldrick & Gerson (1985) e Susic, Pavez & Río Albornoz (2003).

Determinados participantes inferiram também como dificuldades no uso da técnica quando se deparam com a carência de dados oferecidos pelos informantes que pouco sabem ou até desconhecem sua história familiar. Outros complementaram afirmando sobre a dificuldade do terapeuta frente à necessidade em aceitar que alguns clientes/família são mais resistentes a entrar na história da família de origem por não conhecer ou não se interessar em conhecer suas origens familiares ou pelo fato de serem histórias difíceis e dolorosas. Reforçam sobre a dificuldade do terapeuta em aceitar que alguns clientes possuem dificuldades em emitir informações, visualizar e entrar em contato afetivo com suas histórias de forma esclarecedora e terapêutica, destacado no relato de R7: “Perceber que nem todos os clientes se sentem a vontade com a elaboração desse instrumento.”.

Assim como observado na pesquisa, Herrera, Rojas & Awad (2003) enfatizam que o terapeuta deve ter ciência da possibilidade de encontrar informações faltantes (ocultas) ou incompletas emitidas pela família na construção do genograma, bem como discrepâncias nos relatos proporcionados pelos membros. Percebe-se que alguns membros fazem conexões de sucesso enquanto outros fazem conexões de fracasso para uma mesma pauta familiar,

devendo o terapeuta investigar os sentimentos e reflexões da família sobre os fatos, uma vez que geralmente são signos carregados emocionalmente.

Uma dificuldade relacionada por alguns participantes foi a necessidade de ser prudente e aprender a coletar informações e, ao mesmo tempo, se ater à importância do momento terapêutico emergente (aqui-agora), referido por R4: “Requer, do profissional, atenção e sensibilidade para ‘captar’ a dinâmica familiar ao longo da construção conjunta do genograma”.

De acordo com Susic, Pavez & Río Albornoz (2003), os resultados da pesquisa destacaram que é durante a apresentação do genograma no curso de formação de terapeutas de famílias que se abrem possibilidades ao terapeuta de ouvir, visualizar e incorporar idéias, restabelecer laços afetivos, bem como realizar leituras distintas de sua história, reconhecer limitações, fortalezas e ampliar recursos enquanto terapeuta. Ao passar pela experiência de estudar seu genograma na formação, o terapeuta de famílias tem a oportunidade de ser advertido e ficar atento quando for aplicar a técnica com sua clientela e avaliar o momento terapêutico emergente durante a ocasião da coleta dos dados para o genograma.

5.2.3 Implicações do uso da técnica na formação do terapeuta

5.2.3.1 Repercussões do uso da técnica na formação

A maioria dos participantes abordou que o estudo do genograma realizado durante o curso de formação como um momento significativo e importante, legitimado no relato de R5: “Considero a elaboração e apresentação dos genogramas das famílias dos psicólogos em formação um dos momentos mais importantes e significativos do curso de formação em Terapia Relacional Sistêmica”.

Do mesmo modo que se visualizou na pesquisa, Canevaro (2006) destaca que entrar em contato com as emoções referentes aos grupos primários faz com que a formação se constitua em uma experiência significativa para os terapeutas, proporcionando efeitos na modificação do *self* pessoal e profissional do terapeuta em formação.

Alguns respondentes afirmaram, conforme observado no relato de R5 que “a elaboração e apresentação do meu genograma, bem como o acompanhamento da elaboração e apresentação dos genogramas dos meus colegas de turma possibilitaram a compreensão não apenas das repercussões do uso dessa técnica, como também uma maior visibilidade sobre a complexidade e diversidade das relações familiares”.

Os resultados permitem salientar que o estudo do genograma dos terapeutas em formação contribui para o desenvolvimento e ampliação do olhar do terapeuta familiar sobre os sistemas estudados, com a percepção da complexidade e diversidade das relações familiares existentes a partir da vivência do estudo do genograma dos colegas. Esse fato consiste em evidência notória, conforme Canevaro (2009), ao salientar que a observação dos diferentes arranjos familiares dos colegas de formação constitui-se como um recurso facilitador na formação do estudante e na prática do terapeuta.

Outros partícipes aludiram sobre o estudo do genograma instigar a exploração e auxiliar na identificação de facilidades, recursos, habilidades e potencialidades como terapeuta (R10: “reconhecer minhas habilidades e características que poderiam me auxiliar a ajudar meus pacientes”), bem como para identificar as dificuldades, inabilidades e limitações como terapeuta (R12: “Porque me ajudou a ficar atenta e entender algumas fragilidades advindas de questões familiares o que auxiliou a aprimorar minha prática”); favorecendo o reconhecimento dos próprios recursos e possíveis desafios no exercício do terapeuta familiar, legitimado no discurso de R13, ao relatar que “O estudo do genograma na formação me possibilitou a compreensão de minhas potencialidades e possíveis dificuldades como terapeuta, a partir da história familiar que tenho”.

Segundo Canevaro (2009) revela, os resultados da pesquisa ratificam que as relações familiares dos terapeutas são a mais rica fonte de experiências que

eles podem ter para construir um *rapport* pessoal válido para se relacionarem com seus pacientes em uma interação dialética com o *self* profissional.

No mesmo sentido, Castaldi (2002) garante que identificar recursos e desafios do terapeuta através do estudo do genograma faz com que o terapeuta se mantenha advertido aos riscos e armadilhas que a profissão oferece no *setting* terapêutico, como assinala R10, ao relatar que está “alerta a possíveis cuidados com alguns temas específicos trazidos por meus pacientes que poderiam ressoar na minha própria história e na maneira como vivenciei determinadas situações pessoais familiares”.

Houve ainda participantes que referiram, como efeitos e repercussões do estudo do genograma na formação, a importância de compreender as limitações da técnica no exercício terapêutico, relatando estar ciente da impossibilidade de utilizar a técnica como instrumento diagnóstico e terapêutico com todas as famílias/clientes e até afirmar que “Nem sempre é fácil construir o genograma com cada paciente, muitas vezes ele é utilizado apenas para organizar dados e não como um instrumento terapêutico para o paciente.” (R10).

De La Revilla (2006) assinala algumas limitações também encontradas na pesquisa em relação ao uso do genograma na prática do profissional, como o grau de conhecimento e colaboração do informante na referência dos dados familiares, as distorções dos discursos de diferentes membros de uma mesma família, o tempo despendido na construção e detalhamento dos dados tantos quantos são informados, entre outros.

5.2.3.2 Insatisfações no modo como a técnica foi empregada durante o curso de formação

As insatisfações referentes ao uso do genograma na formação foram assinaladas por alguns participantes ao referirem que a escolha do local em que o estudo foi realizado não favoreceu aos objetivos propostos (R6: “O estudo foi importante, mas penso que para que ele tivesse sido estudado de maneira mais

adequada, poderíamos ter feito um final de semana de imersão, por exemplo, num hotel, para que estivéssemos inteiras naquele momento.”.

Outros participantes referiram não concordar com o modo de condução dos responsáveis e colegas de formação frente às informações levantadas ao longo das apresentações, relatando que “Algumas intervenções de colegas e supervisores foram realizadas sem o cuidado ético e profissional devido, proferindo-se julgamentos pessoais e unilaterais. Me senti julgada e literalmente atropelada em algumas coisas que pra mim eram importantes.” (R10).

Sentimentos de exposição pessoal e sensação de ter suscitado conteúdos que não foram significados ao longo do estudo do genograma também apareceram nos relatos de alguns participantes, ilustrado por R13: “O que aconteceu comigo foi que me expus e foram abertas questões emocionais que não foram fechadas, e que, na minha opinião, deveriam ter sido fechadas, no próprio no grupo, e não num espaço de terapia individual (embora fazer terapia individual seja de suma importância para o terapeuta de família). Não achei isso saudável para meu âmbito pessoal.”.

Embora se acolha e se considere como importante o assinalamento dos relatos de R10 e R13, ora citados, compreende-se que esses fatores podem ocorrer ou podem ser sentidos como o foram mesmo sem ter sido ou que o tenham sido mesmo sem ter a intenção de ser (ou tudo isso junto). É importante ratificar que, frente à literatura estudada, em nenhum momento se concebe o estudo do genograma com pretensão de julgar ou expor as questões levantadas pelos alunos em formação/clientes, nem mesmo fazer uso antiético dos conteúdos e sentimentos vivenciados, como uma terapia corretiva em grupo, citada por Tilmans-Ostyn & Meynckens-Fourez (2000) como inadequada. A lealdade recíproca entre os membros deve ser encorajada desde o início da formação, no intuito de que cada aluno compartilhe lembranças de suas experiências prévias e para que o grupo vivencie um sentimento de solidariedade, respeito e proteção entre si.

Alguns partícipes referiram ainda superficialidade na abordagem das questões apresentadas pelos alunos, conforme ilustrado por R13: “Considero o estudo no genograma muito importante para o desenvolvimento do terapeuta, mais não fiquei satisfeita com a forma com que o genograma foi trabalhado em

termos pessoais no meu curso de especialização. Acho que ele foi abordado de maneira muito superficial, apenas contando-se a história de vida da pessoa, sua rede de relações e de que maneira essa história de família poderia auxiliar a pessoa como terapeuta. Acho que no momento em que um grupo de professores/terapeutas decide explorar o genograma dos alunos, precisa também promover feedbacks emocionais num processo de terapia de grupo.”.

A partir da afirmação acima, compreende-se que algumas expectativas dos terapeutas de família não podem ser sanadas pelos formadores durante o estudo do genograma consoante Herrera, Rojas & Awad (2003) distinguem que a formação do terapeuta tem por objetivo inicial oferecer questionamentos ao terapeuta em formação para que ele realize fora do *setting* de formação o progresso iniciado no curso. No mesmo sentido, as vontades e desejos dos clientes não devem ser satisfeitos pelo terapeuta de famílias durante o processo que deixaria de ser terapêutico se o fizessem.

Determinados participantes demarcaram insatisfações quanto ao formato das apresentações dos genogramas em seu curso de formação, ilustrado por R10, ao relatar que o estudo do genograma “Foi uma etapa importante na formação, embora não concorde com o modo como ocorreu a apresentação de cada genograma (os primeiros foram privilegiados e apresentaram no tempo em que precisaram, enquanto os últimos tiveram o tempo cronometrado e tiveram que correr com a apresentação e pouco se pode explorar e conhecer do genograma deles)”. Nesse sentido, Herrera, Rojas & Awad (2003) prioriza a necessidade de um mediador para organizar as apresentações e favorecer as necessidades particulares e grupais, mas lembra que o tempo da construção e apresentação do genograma é diferente para cada pessoa e vai depender da complexidade, da extensão e da profundidade dos arranjos familiares, bem como da quantidade de elementos fornecidos pelo informante.

Houveram ainda sugestões de que o genograma dos terapeutas seja trabalhado também em outros momentos da formação, como visto no discurso de R9: “Acredito que teria sido muito interessante ter relacionado o estudo do meu genograma e o das minhas colegas terapeutas em formação concomitante com o estudo do ciclo vital em que estávamos vivenciando na época das aulas (a proposição foi trazer estudo de casos de famílias que atendíamos), o que imagino

que iria ilustrar os encontros e conferir um senso de maior profundidade do estudo do genograma de cada terapeuta”; e de R6: “Penso que na formação poderíamos ter trabalhado mais com o genograma, de forma a torná-lo mais familiar”.

6 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que o terapeuta constitui sua própria ferramenta de trabalho, em sua dimensão intelectual e emocional, para entrar em contato com o mundo relacional do sistema consultante e atender às demandas terapêuticas, compreendeu-se, a partir dos resultados dessa pesquisa, que é importante que a formação do terapeuta de famílias considere o sujeito em sua totalidade, para além da destreza tecnicista, em busca do desdobrado das habilidades pessoais do terapeuta.

Desse modo, constatou-se que o estudo das famílias de origem do terapeuta, através do desenho do genograma durante o curso de especialização, favorece o desenvolvimento de um profissional advertido, amadurecido, conhecedor de seus recursos e desafios, capaz de diferenciar-se do sistema consultante, bem como reconhecer as semelhanças entre eles, preparado na esfera teórica, técnica, relacional e emocional para lidar com conflitos de outrem.

O estudo evidenciou que a técnica do genograma permite uma visão beneficiada e extensa do quadro transgeracional do terapeuta em formação e de seus movimentos através do ciclo de vida familiar. Reviver os eventos significativos da vida familiar no *setting* de formação através do genograma enriquece a capacidade terapêutica do aluno e a compreensão deste sobre seus recursos e limitações, o que lhe permitirá entender melhor seus clientes e promover mudanças significativas.

Cabe afirmar que a utilização do genograma no processo de formação de terapeutas familiares reflete no uso posterior do instrumento como técnica sensível, rápida e eficaz, seletora de dados pertinentes à estrutura e ao funcionamento do sistema familiar, e método facilitador do exercício laboral do terapeuta.

No que concerne ao modo como os terapeutas vivenciaram o estudo do genograma durante a formação, observou-se que grande parte o entende como técnica imprescindível e necessária no estudo e capacitação das habilidades terapêuticas. Foi possível compreender nos relatos emitidos nos questionários

pelos terapeutas em formação, o quanto o genograma originou efeitos na esfera pessoal, profissional e técnica.

Contudo, cabe ressaltar o cuidado ético necessário no manejo da técnica em questão, a fim de prevenir situações desconcertantes, constrangedoras e antiéticas no âmbito laboral do terapeuta. Vale lembrar que o cuidado ético na aplicação do genograma deve ser estabelecido: 1) no momento de estudo e aprendizado da técnica em sua profundidade, 2) na escolha do momento *adequadamente incomum*, 3) na clarificação dos objetivos e o formato de aplicação do instrumento, 4) no cuidado para estar atento aos detalhes sem perder o momento terapêutico, 5) na utilização cautelosa de informações no *setting* terapêutico e no uso terapêutico consciente do que se sente no atendimento familiar, 6) no cuidado para não inferir ou julgar frente às leituras parciais e não sistêmicas da trama familiar, 7) no armazenamento dos dados e 8) no sigilo profissional.

Pôde-se deduzir, a partir dos resultados da pesquisa, que tanto os recursos como os desafios discriminados pelos terapeutas em relação ao desempenho da função terapêutica, bem como em referência à diagramação do genograma, foram clarificadas e/ou alcançadas com o estudo do genograma de suas famílias de origem durante o curso de formação.

Um dado surpreendente verificado nos resultados e, aparentemente incongruente, refere-se à população com a qual os terapeutas familiares têm aplicado o genograma. Enquanto todos referem utilizar o genograma na prática profissional e a maioria afirma que o utiliza principalmente na área clínica, a pesquisa indicou que menos da metade dos terapeutas utiliza o genograma com todos os clientes.

Em relação à abrangência de aplicação sugerida pelos participantes, conclui-se que os terapeutas de famílias utilizam o genograma, principalmente, como instrumento diagnóstico e de intervenção terapêutica, como técnica promotora do desenvolvimento pessoal do cliente, na organização e sistematização de dados, na formulação de hipóteses sistêmicas, na investigação e categorização de dados em pesquisa, no estudo de caso em equipe; ou seja, como instrumento facilitador na visualização do sistema familiar como um todo.

Verificou-se, portanto, que as repercussões do estudo do genograma na formação do terapeuta de famílias servem como experiência básica no processo de *diferenciação de si mesmo* indispensável para o desenvolvimento do *self* do terapeuta familiar em processo de formação.

Notou-se que algumas questões levantadas na pesquisa (como exemplos, a determinação da área de atuação, local de trabalho, clientela, situação de utilização e quanto à forma que os terapeutas de família têm desenhado o genograma) ainda atribuem lacunas não respondidas pela literatura disponível, o que confere a pesquisa um grau de relevância na contribuição do saber do terapeuta sobre as repercussões de estudar sua constelação familiar durante a formação.

Quanto aos desdobramentos da pesquisa, há que se pensar ainda que o local em que foram coletados os dados da pesquisa pode ter direcionado o tipo de público da pesquisa e, concomitantemente, alguns dos resultados podem estar prejudicados e apontarem o maior número de participantes que afirmam o uso do genograma na área clínica.

Evidencia-se, todavia, a necessidade de aprofundar esse estudo, com o intuito de melhor compreender o perfil do profissional psicólogo, especialista em terapia de famílias, que utiliza o genograma como instrumento na sua prática profissional.

Por fim, como síntese desse trabalho, pode-se aludir que o genograma é um instrumento indispensável tanto no estudo das famílias de origem do terapeuta em formação, como técnica fundamental para orientar a prática profissional do terapeuta de famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, T. **Processos Reflexivos**. Rio de Janeiro: Instituto NOOS: ITF, 2002.

ANDOLFI, M. **A Terapia Familiar: Um Enfoque Interacional**. Campinas, SP: Workshopsy, 1996.

ANDOLFI, M., ANGELO, C., MENGHI, P., NICOLO-CORIGLIANO, A. M. **Por trás da máscara familiar**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1989.

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. 3ª ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BERNAL, C. S., ALVAREZ-SCHWARZ, M. El genograma como instrumento de formación de terapeutas de familia. **Revista Latinoamericana de Psicología**, Bogotá, Colombia, v. 22, n. 3, p. 385-420, 1990.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

BOSZORMENYI-NAGY, I., SPARK, G., **Lealtades Invisibles**. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu Editores, 1983.

BOWEN, M. **De la familia ao individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar**. Barcelona, España: Paidós, 1979.

BRASIL. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, DF, 2005.

CANEVARO, A. El trabajo directo con las familias de origen de los terapeutas en formación. **Apuntes de Psicología**, v. 27, n. 2-3, p. 235-246, 2009.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar**. 2ª Ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

CASTALDI, L., Psicólogos y Psicoterapeutas: Los Desafíos de la Formación. La Persona del Terapeuta en el Modelo de Formación de Maurizio Andolfi, **Psicoperspectivas, Revista de la Escuela de Psicología de la Facultad de Filosofía y Educación**, Universidad Católica de Valparaíso, Chile, v. I, p. 153-154, 2002.

CEBERIO, M. R. **Quién soy y de dónde vengo**: El taller de genograma. Buenos Aires, Argentina: Tres Haches, 2004.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

CURONICI, C., MCCULLOCH, P. **Psicólogos e Professores**: Um ponto de vista sistêmico sobre as dificuldades escolares. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DE LA REVILLA, L. **El genograma**: mucho más que un dibujo. Madrid, España: Ars Médica, 2006.

ELKAÏM, M. **Se me amas, não me ame**: Abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HERRERA, I. L., ROJAS, S. P., AWAD, C. R. **Exploración y Reflexiones acerca de los Procesos Emocionales-Relacionales de la Propia Familia de Origen, Vinculadas a la Formación del Terapeuta, desde la Teoría de los Sistemas Naturales de Murray Bowen**: un Estudio de Casos mediante la Utilización de Diagramas Familiares o Genogramas. 2003. Memoria para optar al Título de Psicólogos (Carrera de Psicología) – Facultad de Ciencias Sociales, Santiago, Chile, 2003.

JOLLY, W., FROM J., ROSEN M. G. The genogram. **J Fa Pact**, v. 10, p. 251-255, 1980.

MARCHETTI-MERCER, M. C., CLEAVER, G. Genograms and Family Sculpting: An Aid to Cross-Cultural Understanding in the Training of Psychology Students in South Africa. **The Counseling Psychologist**, v. 28, n. 1, p. 61-80, 2000.

MCGOLDRICK, M., GERSON, R. **Genogramas en la evaluación familiar**. Barcelona, España: Gedisa, 1985.

MIERMONT, J. **Dicionário de terapias familiares**: teoria e prática. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.

MINUCHIN, S. **Famílias**: funcionamento e tratamento. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1982.

MUNIZ, J. R., EISENSTEIN, E. Genograma: informações sobre família na (in) formação médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, RJ, v. 33, n. 1, p 72-79, 2009.

NICHOLS, M. P., & SCHWARTZ, R. C. **Terapia familiar: Conceitos e métodos.** Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

PAPP, P. **O Processo de Mudança: Uma Abordagem Prática à Terapia Sistêmica de Família.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1992.

SÁEZ, M. J. L., DÍAZ, A. M. Instrumentos para el conocimiento de la familia: el genograma. **Jano: Medicina y Humanidades**, España, v. 22, n. 1.657, p. 31-33, jun. 2007.

SOSIC, A. M. M; PAVEZ, M. E. M; RÍO ALBORNOZ, M. T. del. Taller “la persona del terapeuta”: Una experiencia de formación que promueve el aprendizaje. **Educación Médica**; Barcelona, España, v. 6, n. 2, p. 112-116, 2003.

TILMANS-OSTYN, E. La terapia familiar frente a la transmisión intergeneracional de traumatismos. **Sistemas Familiares**, Buenos Aires, Argentina, v. 16, n. 2, p. 49-65, jul. 2000.

TILMANS-OSTYN, E. & MEYNCKENS-FOUREZ, M. **Os recursos da Fratria.** Belo Horizonte, MG: Artesã, 2000.

VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência.** Campinas, SP: Papyrus, 2002.

WENDT, N. C., CREPALDI, M. A. A Utilização do Genograma como Instrumento de Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 2, p. 302-310, nov. 2007.

WHITAKER, C., BUMBERRY, W., **Danzando Con la Familia: Un Enfoque Simbólico-Experiencial.** Barcelona, España, Paidós, 1991.

ZUSE, A. S., ROSSATO, V. M. D., BACKES, V. M. S. Genetograma: um instrumento de trabalho na compreensão sistêmica de vida. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, SP, v. 10, n. 3, p. 308-320, mai.-jun. 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Carta de Apresentação da Pesquisa

APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APÊNDICE C: Questionário sobre o uso do Genograma

Carta de Apresentação da Pesquisa

Boa tarde,

Eu sou Luana e, junto com a Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Crepaldi, estou desenvolvendo a pesquisa “**A importância do estudo do genograma na formação do Terapeuta Familiar**” com o objetivo de investigar como os psicólogos, especialistas em terapia familiar, utilizam o genograma em sua prática profissional.

Para tanto, segue, em anexo, um **Questionário sobre o uso do Genograma** e pedimos a sua colaboração para responder a essa pesquisa.

Segue também o **Termo de Consentimento Livre Esclarecido** e pedimos a gentileza de nos encaminhar (junto ao questionário respondido) um e-mail de retorno com os dados do termo preenchidos, concordando com as condições da pesquisa.

Caso você tenha alguma dúvida, poderá falar conosco pessoalmente ou pelos contatos abaixo.

Aguardamos seu retorno o quanto antes.

Obrigada pela colaboração!

Atenciosamente,

Luana

Luana de Araújo Lima Vizentin

Psicóloga - CRP 12/06550

luanavizentin@gmail.com

(48) 9977-7771

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Luana e estou desenvolvendo a pesquisa “**A importância do estudo do genograma na formação do Terapeuta Familiar**” com o objetivo de investigar como os psicólogos, especialistas em terapia familiar, utilizam o genograma em sua prática profissional. Este estudo é importante, pois poderá ajudar no aperfeiçoamento da técnica de genograma, que tem sido utilizado nos contextos de pesquisa e intervenção em Psicologia e demais áreas afins. Esperamos que esse trabalho traga muitos benefícios para os profissionais que trabalham na intervenção psicológica com pessoas e famílias em diferentes contextos. Pedimos a gentileza de responder ao **Questionário sobre o uso do Genograma**, em anexo, o que não trará nenhum risco para você. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser fazer parte do mesmo, poderá falar conosco pessoalmente, pelo email luanavizentin@gmail.com ou pelo telefone (48) 9977-7771. Se você estiver de acordo em participar, garantimos que as informações fornecidas (ou material coletado) serão confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos.

Pesquisadoras: Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Crepaldi e Luana de Araújo Lima Vizentin.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui esclarecido sobre a pesquisa “**A importância do estudo do genograma na formação do Terapeuta Familiar**” e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, _____ de _____ de 2010.

Assinatura: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

CPF: _____ RG: _____



QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DO GENOGRAMA

Prezado (a) Colega,

Gostaríamos de contar com sua colaboração para responder a esta pesquisa sobre o uso, em sua prática, do instrumento **GENOGRAMA**. Sua contribuição será muito valiosa.

Abaixo você encontrará 20 questões, incluindo questões abertas e fechadas. As questões fechadas (múltipla escolha) podem ser respondidas com a escolha de mais de um item por questão, desde que as respostas não sejam contraditórias.

Caso você tenha alguma dúvida, poderá falar conosco pessoalmente ou pelos contatos abaixo identificados.

Grata pela colaboração!

Florianópolis, 21 de junho de 2010.

Luana de Araújo Lima Vizentin
Psicóloga – CRP-12/06550

luanavizentin@gmail.com
(48) 9977-7771

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DO GENOGRAMA

Nome: _____

Idade: _____ Telefone: () _____ - _____ () _____ - _____

Conclusão da Graduação em Psicologia (mês/ano): _____ / _____

Início e Conclusão da Especialização (mês/ano): _____ / _____ - _____ / _____

Atividade (s) Profissional (is) e Local (is) de Trabalho: _____

1. No curso de Formação em Terapia Relacional Sistêmica que você realizou, abordou-se sobre a importância do uso do genograma para a prática profissional?

() Sim () Não

2. No seu curso de formação estudou-se o genograma de cada terapeuta individualmente?

() Sim () Não

3. Você costuma utilizar o genograma na sua prática profissional?

() Sim () Não

4. Se você respondeu sim, em que (quais) área (s) você aplica o genograma?

() Psicologia Clínica

() Psicologia Escolar

() Psicologia Organizacional e do Trabalho

() Psicologia Jurídica

() Psicologia Hospitalar

() Psicologia Comunitária

() Outras: _____

5. Em qual (is) local (is) de trabalho você utiliza o genograma?

() Consultório particular

() Comunidade

() Instituição Escolar

() Instituição Judiciária

() Instituição Organizacional

() Instituição de Saúde

() Outros: _____

6. Qual é a população com a qual você utiliza o genograma?

- () Indivíduos
- () Casais
- () Famílias com crianças
- () Famílias com adolescentes
- () Famílias com filhos adultos
- () Pacientes hospitalares
- () Comunidade
- () Clientes de organizações
- () Pais, alunos e professores
- () Alunos em formação
- () Outras: _____

7. Em qual (is) situação (ções) você utiliza o genograma?

- () Avaliação psicológica
- () Atendimento clínico individual
- () Atendimento clínico familiar
- () Atendimento em grupoterapia
- () Acompanhamento organizacional
- () Acompanhamento escolar
- () Perícia judicial
- () Mediação familiar
- () Ilustração em sala de aula
- () Outros: _____

8. Com que clientela você utiliza o genograma?

- () Com todos os clientes em acompanhamento
- () Com parte dos clientes em acompanhamento
- () Com alunos, para ensiná-los a desenhar o genograma
- () Com famílias, casais ou indivíduos que são encaminhados para avaliação psicológica
- () Com famílias, casais ou indivíduos que são encaminhados para mediação familiar
- () Com famílias, casais ou indivíduos que são encaminhados para acompanhamento psicoterapêutico
- () Com famílias, casais ou indivíduos que procuram acompanhamento psicoterapêutico
- () Outros: _____

9. Como você desenha o genograma?

- () Você mesmo, após a reunião/sessão
- () Você mesmo na presença do cliente/família
- () Você mesmo com a participação do cliente/família
- () Incentiva o cliente/família a fazer na sua presença

() Incentiva o cliente/família a fazer em casa e trazer para as sessões

Outros: _____

10. Em que momento você desenha o genograma?

() Durante o primeiro contato/sessão, na presença do cliente/família

() Logo após o primeiro contato, sem a presença do cliente/família

() Ao longo do processo, durante o acompanhamento com o cliente/família ou quando sente necessidade de complementar informações

11. Qual é a finalidade do uso do genograma na sua prática profissional?

() Compreensão do profissional sobre o caso/situação em acompanhamento

() Compreensão da família ou do indivíduo sobre a natureza das relações pessoais e reprodução de padrões de funcionamento familiar

() Compreensão da organização (escola, etc.) sobre a natureza das relações pessoais e padrões de funcionamento organizacional/escolar, etc.

() Utilização em pesquisas científicas

() Compreender melhor uma situação, em caso de dúvidas

() Para fins acadêmicos (aula, supervisão de caso ou pesquisa)

12. Em qual (is) situação (ções) o genograma tem auxiliado na sua prática profissional?

() Vinculação com o cliente

() Compreensão da família ou do indivíduo sobre dinâmica familiar

() Facilitar o relacionamento interpessoal entre psicólogo - cliente

() Facilitar o relacionamento profissional entre psicólogo - cliente

() Promover clarificação e modificação no padrão de funcionamento familiar, organizacional ou escolar

() Promover conhecimentos da estrutura e dinâmica das famílias/organizações/escolas, no âmbito acadêmico, através de aulas, pesquisas ou supervisão de casos

13. Você diria que o estudo do seu genograma durante a Formação em Terapia Relacional Sistêmica foi importante para auxiliá-lo no âmbito profissional? Comente.

() Sim

() Não

14. No seu ponto de vista, o estudo do seu genograma durante a formação o ajudou no âmbito pessoal?

() Sim

() Não

15. Se você respondeu sim, comente em quê?

16. Se você respondeu não, diga por quê.

17. Qual (is) a (s) motivação (ções) principal (is) que faz (em) com que você utilize o genograma na sua prática profissional?

18. Cite facilidades e dificuldades advindas com o uso do genograma no ponto de vista profissional.

Facilidades: _____

Dificuldades: _____

19. Quais os cuidados éticos que você tem na utilização e armazenamento do genograma?

20. Você acredita que poderia utilizar o genograma de forma mais abrangente em sua prática profissional? Comente.

() Sim

() Não
